

OBSERVATÓRIO
PSICANALÍTICO

Jornal do
**OBSERVATÓRIO
PSICANALÍTICO**
FEBRAPSI 2017

FEBRA  **PSI**
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

EDITORIAL

EXPEDIENTE

PRESIDENTE DA FEBRAPS

Daniel Delouya

SECRETÁRIA GERAL

Anette Blaya Luz

TESOUREIRO

Wagner Francisco Vidille

DIRETOR CIENTÍFICO

Ney Couto Marinho

DIRETORA DO CONSELHO PROFISSIONAL

Rosane Muller

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

Celso Halperin

DIRETORA DE COMUNIDADE E CULTURA

Cíntia Xavier de Albuquerque

DIRETORA SUPERINTENDENTE

Rosa Maria Carvalho Reis

EQUIPE DCC-OP

Cíntia Xavier de Albuquerque

Maria Elizabeth Mori

Carlos Cesar Marques Frausino

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Salomé

*Este PDF é melhor visualizado no modo de **páginas duplas** com capa.*

L com muita alegria que apresentamos o *Jornal do Observatório Psicanalítico Febrapsi*, comemorativo de seu primeiro ano de vida. Duas palavras marcam tanto nosso projeto OP quanto este jornal: dedicação e entusiasmo.

A Febrapsi, por meio de sua Diretoria de Comunidade e Cultura, lançou em abril deste ano seu Observatório Psicanalítico, visando ampliar a articulação da psicanálise com a cultura em diversos contextos. Para além do consultório. Para acontecimentos no Brasil e no mundo.

Um dos eixos de nosso OP é público. Colegas são convidados a escrever sobre temas da atualidade, sob o vértice psicanalítico. Lançamos nossas ideias via Facebook para milhares de pessoas. São os 30 textos produzidos até o momento que nossos leitores encontrarão neste jornal. O outro eixo do OP é exclusivo dos membros da Febrapsi que dele desejem participar. Funciona por e-mail e tornou-se nosso ponto de encontros quase diários, um espaço que não sabíamos que precisávamos e que seria tão valorizado.

Sim, esse projeto é bastante estimulante e trabalhoso. Não teria sido possível sequer iniciá-lo sem a presença constante, criativa, inteligente e amorosa de Beth Mori e Carlos Frausino, a quem agradeço infinitamente.

Agradeço também profundamente a Daniel Delouya, nosso presidente, aos amigos desta diretoria e a todos os queridos colegas que participam e comemoram a existência de nosso Observatório. Que ele tenha vida longa e interessante.

CÍNTIA XAVIER DE ALBUQUERQUE

DIRETORA DE COMUNIDADE E CULTURA

**POLÍTICAS
PÚBLICAS,
POLÍTICA
INTERNACIONAL
& BRASILEIRA,
ÓDIO AO
DIFERENTE**

10

OP-1 • ROOSEVELT CASSORLA

Barbárie, Terrorismo
e Paranóia: Excertos

12

OP-5 • MARIA ELIZABETH MORI

A Higienização da Pólis: O desmonte
de uma política de saúde

14

OP-6 • MARIA TERESA LOPES

Corrupção: Tudo começa em casa?

16

OP-7 • SERGIO NICK

Psicologia do ódio

18

OP-10 • LÚCIA PASSARINHO

A sedução do tráfico: Os órfãos
do estado e seus heróis às avessas

20

OP-19 • HEMERSON ARI MENDES

Quero ser presidente!

22


**OP-21 • A. LEWKOWICZ, D. LAHUDE, J. MUNHOZ,
J. GOLDSTEIN, L. SECCO, M. ELISABETH CIMENTI**

“Cada qual no seu lugar”

24

OP-28 • KÁTIA BARBOSA MACÊDO

O Trabalho Escravo no Brasil:
O Império contra-ataca



**CULTURA,
EVENTOS
CULTURAIS,
MULHER,
GÊNERO**

28

OP-4 • MIGUEL SAYAD

Sobre a variedade das pessoas que falam a língua portuguesa

30

OP-11 • LEONARDO FRANCISCHELLI

Dilma e Miriam: Mulheres brasileiras

32

OP-15 • SUSANA MUSZKAT

Moral sexual “civilizada”?

34

OP-16 • MARIA ELIZABETH MORI

“Uma argentina à frente do grande divã freudiano”

36

OP-18 • CÍNTIA XAVIER DE ALBUQUERQUE

Carta ao pai que vive em mim

38

OP-22 • JULIANA LANG LIMA

O que o retorno da “Cura Gay” e o fechamento de exposição dizem sobre nós?

40

OP-23 • EDUARDO DE SÃO THIAGO MARTINS

A cura (gay), o bode (expiatório) e a banha (de porco)

42

OP-24 • CATHERINE LAPOLLI

Vamos à exposição, digo, imposição do Santander Cultural?

44

OP-27 • SILVANA REA

Arte e psicanálise



TRABALHO CLÍNICO DO ANALISTA

48

OP-3 • NIZE NASCIMENTO

Viver a própria vida e morrer a própria morte

50

OP-8 • ROSSANA NICOLIELLO PINHO

Estranhos analistas

52

OP-9 • JOSÉ COSTA SOBRINHO

A Psicanálise Contemporânea: a falta e o excesso

54

OP-13 • DENISE GOLDFAJN

Observatório Operante: Homenagem aos colegas e à Madeleine Baranger

56

OP-14 • CLAUDIO EIZIRIK

Sobre a intimidade

58

OP-17 • LEONARDO FRANCISCHELLI

Notas sobre uma crônica de L.F. Veríssimo

60


OP-29 • NEY MARINHO

Morte e vida: Novas configurações

62

OP-30 • DANIEL DELOUYA

Morte e vida: Novas configurações



**EDUCAÇÃO,
INFÂNCIA &
ADOLESCÊNCIA**

66

OP-2 • DANIELA PRIETO

Suicídio na adolescência: Espelho de um narcisismo despedaçado

68

OP-12 • RUGGERO LEVY

“Se nada der certo” deveria ser “o que é dar certo no Brasil?”

70

OP-20 • KATIA WAGNER RADKE

Convívio entre pais e filhos na contemporaneidade

72

OP-25 • MARIA ELISABETH CIMENTI

Semblante de Verdade e Preconceito

74

OP-26 • MARIA LUÍZA GASTAL

Basta de Ideologia de Gênero

Os textos publicados refletem a opinião de seus autores.



POLÍTICAS PÚBLICAS

POLÍTICA INTERNACIONAL & BRASILEIRA

**ÓDIO AO
DIFERENTE**

13 • ABRIL • 2017

BARBÁRIE, TERRORISMO & PARANOIA ■ EXCERTOS

Hoje republicamos o texto de **Roosevelt Cassorla** sobre barbáries nossas, antigas e recentes, sutis e aparentes, todas absolutamente dramáticas. Em homenagem às vítimas do atentado do homem-bomba ontem, em Londres. O OP está de luto.

Composição sutil de ataques à capacidade de pensar e viver também constituem barbáries. Recrutam-se corações e mentes pela propaganda. Os não conquistados serão Inimigos. O suposto Justo luta pela Verdade, e a Verdade é Única. Inimigos são Maus porque não aceitam a Verdade e atacam o Justo. O Justo é Iluminado e quem o rotula como Paranoico é Mau. O Iluminado, como Schreber, faz parte da Divindade, religião, ideologia, partido. O paranoico Schreber e os Iluminados comandam mentes, espaços e tempos. A Massa é estupidificada,

Em relação à Barbárie como fenômeno envolvendo multidões, nossa psicanálise não é potente, ainda que possamos compreender algo, desde que nos juntemos a outras disciplinas.

conjunto de seguidores que viverão no Céu, a Causa. Os Inimigos devem ser torturados num inferno eterno, na vida e no pós-morte

Schreber, Stalin, Hitler eram ameaçados pelos Maus. Imensos sistemas de espionagem buscam eliminá-los. Maus podem infiltrar-se e corromper os Iluminados. Todos são traidores em potencial. Quando as almas o atacam, Schreber as devora e elas passam a fazer parte dele mesmo. O poder de Schreber, assim como o poder político “se nutre da massa e (...) é composto por ela” (Canetti, 1960).

O nazista, o fundamentalista, se sentem, como Deuses, com poder infinito. Não têm necessidades – elas são supridas pela massa divina da qual fazem parte. O terrorista não teme a morte, e a deseja como suicida. No Reino dos Céus será tratado como herói, fundido a Deus, numa bem-aventurança eterna.

Os nervos de Schreber são purificados antes de se unirem a Deus. Os inimigos são purificados através do fogo: fogueiras inquisitoriais, câmaras de gás, bombas, incêndios,

destruições de cidades e colheitas. Após a aniquilação a alma é liberada. Melhor queimar os mortos que enterrá-los – as valas poderão ser descobertas e os mortos lembrados. Pode-se purificar a própria História, contada como convém.

O paradoxo: há que noticiar, na TV, a eliminação de Maus. O terror deve atingir a Massa indiferente, porque não existem inocentes. Matar indiscriminadamente, explodir prédios e metrô, bombas iluminadas, decapitações. Nunca cessar a propaganda que estupidifica as massas ou as mantém aterrorizadas. A Causa é superior à vida de uma, algumas ou muitas pessoas. Fuzilados por Stalin o homenageavam antes de morrer, impregnados pela Causa, compreendendo o erro “involuntário” do Líder.

O paranoico projeta a Morte (que o aterroriza) no Inimigo. O terror será substituído pela conquista do poder Infinito. Como o Inimigo é bárbaro, há que ser mais bárbaro que ele. Por isso tudo se justifica. As fantasias de fim de mundo de Schreber decorrem da certeza que as almas, ao serem atraídas, colocam em perigo as estrelas de onde provêm. Elas podem dissolver-se. Schreber será o único sobrevivente num campo cheio de cadáveres – o sonho dos ditadores.

O Bárbaro, o Justo, não tem interesse pela psicanálise, a não ser como Inimiga. Em relação à Barbárie como fenômeno envolvendo multidões, nossa psicanálise não é potente, ainda que possamos compreender algo, desde que nos juntemos a outras disciplinas. Temos que participar da Política, no sentido de organização da convivência na Polis. Como cidadãos, psicanalistas ou não.

Veja mais no site www.febrapsi.org. ■



Desmantelamento, atrocidade, violência, arbitrariedade, ataque, truculência, absurda, afronta, desrespeito, barbárie são algumas das palavras utilizadas pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), em nota de repúdio à mudança nas ações da saúde mental voltadas para dependentes químicos na capital paulista, pela Prefeitura em parceria com o Governo Estadual.

Com o propósito de manter a “Cidade Limpa”, a remoção, segregação e internação (inclusive involuntária) da “população em situação de rua”, que vinha sendo atendida no centro de São Paulo – espaço conhecido como “Cracolândia” e palco de disputas econômicas, sobretudo de interesses do mercado imobiliário –, substitui o Programa “De Braços Abertos”. Implementa-se o Programa “Redenção”, em parceria com comunidades terapêuticas mantidas por “entidades confessionais”, com velhas propostas que foram ultrapassadas pelo debate no campo da luta antimanicomial no Brasil há mais de 30 anos.

O Programa “De Braços Abertos” formulado por trabalhadores, gestores e intelectuais da saúde mental pública brasileira baseia-se na Política Nacional da Saúde Mental (PNSM) e nos princípios internacionais dos direitos humanos. O cuidado volta-se para a atenção integral à saúde do sujeito em liberdade, na perspectiva da redução de danos no uso de

Hoje publicamos o texto de **Beth Mori** sobre a atuação da prefeitura e do governo de São Paulo no espaço público utilizado por dependentes químicos. Fica ressaltada a complexidade do problema e o tamanho do desafio a ser enfrentado em várias cidades brasileiras e no mundo.

HIGIENIZAÇÃO

DA POLIS

■ O DESMONTE DE UMA
■ POLÍTICA DE SAÚDE

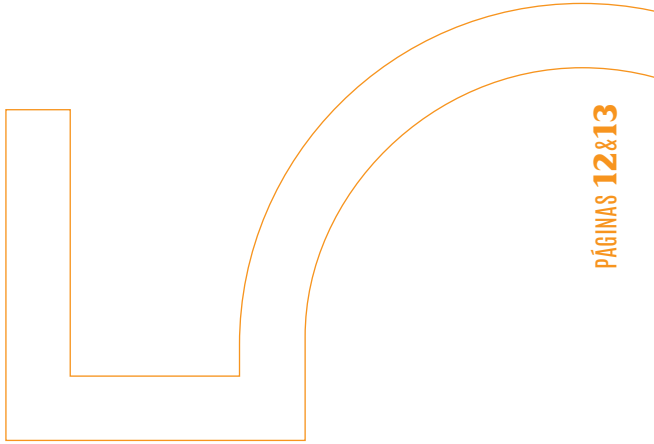
substâncias, incentivo ao protagonismo e autonomia dos sujeitos e acesso à assistência social, com a oferta de oportunidades de emprego, moradia e reconhecimento da cidadania por meio de documentos de identificação.

Este acontecimento pode ser tomado como um analisador de como as políticas públicas são conduzidas por governantes, eleitos para proteger a vida do cidadão no espaço público, que fazem uso da violência policial em vez de fazer a verdadeira Política que designa aquilo que é público, pertencente a um povo, de uma coletividade de um país, originado da palavra grega *politiká*, uma derivação de *polis* (cidade).

Na Política, do ponto de vista da Psicanálise, há que se pensar no bem comum, produzido pelos diferentes sujeitos, num processo de reparação, já que as diferenças socioculturais que estamos inseridos produzem injustiças. E por que mesmo?

O processo civilizatório impôs aos seres humanos, na luta pela sobrevivência, duas orientações: cooperar em grupo de iguais e combater as ameaças advindas dos outros grupos. O ser humano tornou-se rival do próprio ser humano. Somos capazes de amar, ser leais e, ao mesmo tempo, odiar, matar uns aos outros. Oscilamos entre atitudes colaborativas e a impiedade em relação ao outro. Sentimentos ambivalentes fazem com que arrisquemos a própria vida para salvarmos a vida de um vizinho e, no momento seguinte, assassiná-lo sem qualquer conflito, caso ele se torne um rival.

Diante da “ameaça”, no caso representada pelo tráfico e consumo de drogas na Cidade, cabe ao Ego, diante do sentimento de culpa, a importante tarefa de conciliar os desejos ambivalentes de amor e ódio com a realidade objetiva. Duas possibilidades se



apresentam: a prevalência da pulsão da vida, com atitudes de reconhecimento, valorização, inclusão, integração das diferenças ou a prevalência da pulsão de morte, com atitudes de banimento, segregação, exclusão, aprisionamento “dos diferentes” (o louco, o drogado, o imigrante, o desvalido socialmente, enfim).

Vale pensar sobre as pulsões que regem as políticas sociais e econômicas adotadas pelos governos. E em que medida governamos para os iguais em detrimentos dos diferentes? ■

O cuidado volta-se para a atenção integral à saúde do sujeito em liberdade, na perspectiva da redução de danos no uso de substâncias, incentivo ao protagonismo e autonomia e acesso à assistência social.

Etimologicamente o termo corrupção vem do latim *corruptus* que significa o ato de quebrar aos pedaços, ou seja, decompor e detonar algo.

Vivemos hoje, aqui no Brasil, um lastimável episódio político que nos mostra todo um esquema de corrupção que há anos existe no País e que somente neste momento vem à tona. O Brasil, rico em solo, onde tudo aparece e com qualidade e quantidade, mantém ainda, por interesses obscuros, hoje não tão mais, um sistema que impede o seu real

crescimento devido à ganância de políticos que, completamente antiéticos, não conseguem olhar para o bem maior de uma nação que é a sua população.

Todo este processo pelo qual estamos passando chama muita atenção pelo fato de como as pessoas, de modo geral, se posicionam emitindo suas opiniões de forma moralista, sem se permitir parar para pensar sobre suas ações, o que consequentemente poderia levar a um ato corrupto.

Sempre escutei que o Brasil era o país do “jeitinho”. Trata-se este “jeitinho” de uma forma de corromper o sistema estabelecido. É o dinheiro que o comerciante guarda para os fiscais, o dinheiro que o cidadão oferece ao guarda para este fingir não ter visto o seu erro, a mãe ou o pai que prometem um agrado ao filho que não quer cumprir com as suas obrigações, o funcionário público que usa o bem público em prol de suas necessidades pessoais, é o jeitinho para tentar dar uma volta na receita federal. Enfim, são tantas formas de

CORRUPÇÃO

Tudo começa
EM CASA?

Hoje publicamos o texto de **Maria Teresa Lopes** sobre corrupção. Assunto muito sério.

corromper o Estado. Essas formas passam a ser “normais”, enquanto são totalmente anormais por se tratar de corromper algo, usando situações nada lícitas ou legais, para se obter algum tipo de vantagem. Pois isto não é nada bacana. Se, neste momento, não conseguimos mudar os velhos hábitos e costumes, que há muitos anos são estabelecidos pela própria população, será que vamos conseguir mudar a mentalidade do País em relação a todo esse processo que estamos vivendo?

Tudo isto soa como atos de irresponsabilidade e de crueldade porque, enquanto buscamos um “jeitinho”, estamos ao mesmo tempo sendo coniventes com todo um sistema que não tira o Brasil do buraco, estamos sendo coniventes com a morte de milhões de brasileiros que precisam da ajuda do Estado para uma vida melhor, estamos sendo coniventes com os grandes desfalques que hoje vêm sendo revelados. Então, precisamos pensar se um país corrupto só o é porque sua população vedou seus olhos, comete pequenos hábitos que alimentam os grandes. Precisamos saber que nossas atitudes podem mudar e muito uma nação, ampliando a consciência de nossos atos, e tendo a noção de que um país só pode ser grandioso se sua população for grandiosa de caráter. O que temos acompanhado é o oposto. O discurso moralista por parte daqueles que lesam a Pátria vem sendo repetido e aplaudido por uma grande massa que se identifica com esses algozes, sem poder se diferenciar e nem mesmo se distanciar para, quem sabe, poder refletir de outra forma. Vale pensar. ■

Precisamos saber que nossas atitudes podem mudar e muito uma nação, ampliando a consciência de nossos atos, e tendo a noção de que um país só pode ser grandioso se sua população for grandiosa de caráter. O que temos acompanhado é o oposto.

11 • JUNHO • 2017

PSICOLOGIA DO ODIO

Hoje publicamos o texto de **Sergio Nick** sobre violência, terrorismo e tantos outros equívocos. Enfim, sobre a prevalência do ódio.

Na minha infância e pré-adolescência, Alá me remetia a Éden... ao Jardim das Delícias, tal a alegria que tinha ao ir brincar no Jardim de Alah, praça carioca aonde todos acorriam para momentos de lazer. Era um espaço multiétnico e multissocial, uma vez que o Leblon abrigava todas as classes sociais, desde os ricos da orla praiana até os que viviam na favela Praia do Pinto, de triste memória.

Hoje, há os que odeiam Alá e os muçulmanos, como a colocar em sua conta os desmandos que terroristas vêm cometendo mundo afora. É de se notar que parte do mundo ocidental segue em sua dificuldade de enxergar muito além de seus quintais, haja vista a enorme cobertura dada aos episódios ocorridos recentemente em Londres, enquanto os maiores atentados ocorrem no próprio Oriente Médio. Disso decorre parte de minha reflexão, que mira uma redenção desse Alá que está na mente dos terroristas, bem como demonstrar a necessidade de se repensar não só o mundo, mas também o que ocorre ao nosso redor.

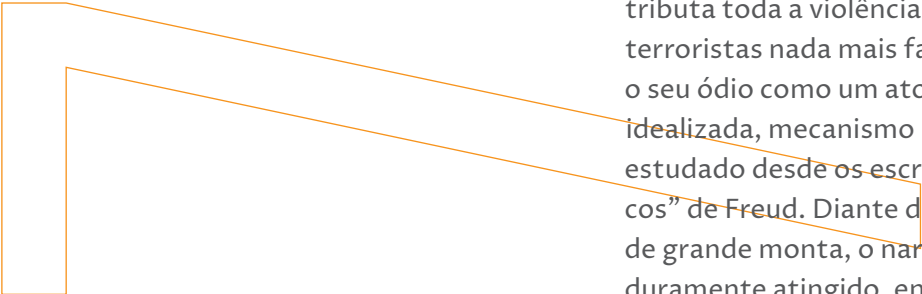
Não é desconhecido o ódio gerado por atitudes de desprezo, desleixo e maus-tratos a pessoas de toda e qualquer classe social, etnia ou religião. Winnicott, psicanalista inglês que estudou o assunto em “Privação e delinquência”, já apontava que muito do comportamento delinquente nascia de situações de privação na infância. Anne Alvarez, outra

estudiosa do assunto, relacionou o comportamento psicopático ou antissocial a situações de intenso abandono e maus-tratos, mostrando como psicanalistas poderiam reverter este quadro infantil desde que dispostos a se encontrarem com a violência profundamente enraizada nessas crianças.

Ao erigir Alá como aquele a quem se tributa toda a violência causada ao outro, os terroristas nada mais fazem do que justificar o seu ódio como um ato de amor a uma figura idealizada, mecanismo psicológico já bem estudado desde os escritos ditos “sociológicos” de Freud. Diante de um trauma psíquico de grande monta, o narcisismo do sujeito é duramente atingido, ensejando um vale-tudo na busca de uma saída.

Estudioso da fúria narcísica, Kohut apontava para a enorme dor psíquica gerada por necessidades frustradas e a reação descontrolada e irracional dela decorrente. Em meu trabalho como assistente técnico em processos que correm em varas de família, acompanho a dor de ex-cônjuges e suas reações, muitas vezes impensadas e com enorme consequências na vida dos filhos. Ali, vemos pessoas de todas as classes justificarem atos claramente danosos aos filhos, como a alienação parental, sem que atinem, seja para a lei que a condena, seja para os clamores de filhos e parentes mais lúcidos. Faz-se de tudo em nome de quaisquer deuses ou ideologias, uma vez que ao frustrado por uma separação falta muitas vezes a capacidade para pensar e ser razoável, gerando conflitos que muitas vezes se arrastam por anos no Judiciário.

A nós, enquanto capazes de tirocínio, cabe combater todo tipo de desigualdades, injustiças e desmandos, sempre tendo em mente que o mal causado hoje pode voltar sob a forma de uma violência irracional. ■



A nós, enquanto capazes de tirocínio, cabe combater todo tipo de desigualdades, injustiças e desmandos, sempre tendo em mente que o mal causado hoje pode voltar sob a forma de uma violência irracional.

O pai e o Estado ausentes acabam substituídos pelo heróis às avessas. O traficante ocupa com competência este espaço vazio, dando início a um pacto com o crime e a violência.

A Sedução DO TRAFICANTE

Hoje publicamos o comovente texto de **Lúcia Passarinho** sobre o complexo e desafiador tema das drogas.

- OS ÓRFÃOS DO ESTADO E SEUS HERÓIS ÀS AVESSAS

25 • JUNHO • 2017

A menina deitada no divã conta fragmentos da sua história. Foi obrigada pela mãe a se vender para um homem bem mais velho, que passou a sustentar as duas. Aos 11 anos fugiu e foi buscar a ajuda do pai, não encontrando o acolhimento que procurava. Passou então a viver nas ruas, até ser resgatada pela Vara da Infância e recebida numa instituição.

Um casal quis adotá-la, mas ela teve medo de que os abusos e o abandono se repetissem. E rejeitou os possíveis adotantes.

A convivência no abrigo não é nada fácil, sua história acabou caindo no conhecimento dos colegas, ela passou a sofrer bullying e ameaças. Não sabendo por quanto tempo vai aguentar, ela pensa em fugir um dia. E enxerga apenas dois caminhos para a própria subsistência: seguir se prostituindo ou entrar para o tráfico.

Ela ambiciona a independência e coisas aparentemente simples, mas ainda distantes de suas possibilidades, o que a angustia. Afinal, como todo adolescente, ela tem pressa. Ela repudia sua origem, tem horror ao passado, em especial à mãe, mas a voz materna ecoa em seu interior, predestinando-a à transgressão e a tudo que ela própria rejeita e sente vergonha.

Depois de passar alguns dias na casa de uma suposta amiga, a menina retorna com dinheiro, roupa nova e doces que distribui para os colegas. Questionada pela instituição sobre a origem do dinheiro, não consegue justificar e é proibida de sair nos finais de semana. Ela se rebela, não mais aceita as regras da casa e as fugas se tornam regulares. As faltas às sessões são mais frequentes, até que ela simplesmente desaparece.

Ela tem aspirações, desejos, sonhos. Como disse a canção: “A gente não quer só

comida. A gente quer comida, diversão e arte”. O tráfico assedia, seduz, e o lucro instantâneo convém ao adolescente imediatista.

Quem sofreu abusos, negligência física e afetiva como ela costuma padecer de baixa autoestima, pessimismo e sentimentos de impotência. No imaginário de um jovem desprovido do personagem que represente proteção e acolhimento, o traficante encarna a figura de poder que compensa a orfandade. A droga, por sua vez, é fonte de prazer, entorpecimento e alívio para quem convive com objetos internos perturbadores e uma crônica dor emocional.

Ao longo do trabalho na Vara da Infância, constatei que jovens envolvidos com o tráfico são com muita frequência criados por mães ou avós. A luta solitária pela sobrevivência faz dessas mulheres pessoas vulneráveis. A razão dessa fragilidade não é apenas a condição feminina, mas o fato de viverem à margem de qualquer proteção do Estado.

É neste contexto que o pai e o Estado ausentes acabam substituídos pelo herói às avessas. O traficante ocupa com competência este espaço vazio, dando início a um pacto com o crime e a violência.

Perdi minha paciente para o tráfico. Ainda hoje anseio por um telefonema dela. O divã continua disponível, a analista também. ■

Não, não era a minha resposta as especulações dos adultos sobre as pretensões futuras. Aliás, no universo infantil, ser presidente nunca foi páreo para bombeiros, policiais, maquinistas (...) – para ficar nas funções/profissões mais populares do universo masculino; sim, elas tinham gênero.

Eu queria ser poceiro. Eles eram importantes na comunidade em que cresci; água era um luxo, o saneamento era precário e todas as casas tinham um poço no seu quintal. O poder da função não estava no trabalho braçal; mas, sim, na varinha mágica que eles utilizavam para encontrar o veio d'água, que definia o local a ser cavado. Utilizava-se uma forquilha de madeira, com as palmas da mão para cima, fazendo uma pequena pressão para entortar as extremidades para fora. Quando a ponta se mexia é porque estaria se passando por cima de uma corrente subterrânea de água. Como podem perceber, poceiro, assim como médicos e psicanalistas, têm os pajés como ancestral comum.

Sim, eu queria ter um pênis mágico, capaz de levantar e identificar o melhor local para abrir um canal para saciar a sede de meus desejos/necessidades. Minha resposta era só mais engenhosa do que o óbvio bombeiro com o poder de sua mangueira ou o policial com suas armas de fogo. A ideia de poder já está nas respostas das crianças, que envoltas com suas fantasias castratórias, buscam no simbolismo da concretrude a solução.

*Hoje publicamos o texto de **Hemerson Ari Mendes** sobre os desejos de poder que surgem na infância e se prolongam pela vida toda.*

18 • AGOSTO • 2017

QUERO SER PRESIDENTE!

Hoje, na estrutura de poder do nosso país, as crianças ameaçadas que sobrevivem no adulto (ou seria ao adulto?), descobriram uma função redentora: ser presidente! Ela não vem com uma forquilha, mangueira ou metralhadora, mas, sim, com canetas. Todo o poder está contido nelas. Além de funcionarem como caneta mesmo, são usadas como chaves. Alguns dizem que do céu; outros, do inferno; porém, muitos sonham que seja da cadeia.

Abruptamente, muitos querem e se sentem habilitados ao cargo/função. Todos sonham com a caneta e seus poderes. Qualquer conquista, qualidade – ou falta de – é utilizada como atributo selecionador. Ser presidente transformou-se num paraíso-atalho com 72 poderosas canetas, capazes de transformarem castrações num fake poder.

Contudo, sua majestade – o bebê, digo, o presidente – rapidamente descobre que os poderes das canetas são limitados. Existem mais que 72 virgens-canetas e, para ele, desgraçadamente, elas pertencem a outros(as). A descoberta é dolorosa. No fundo, a mãe gentil tem outros relacionamentos e não existe a caneta que abra a porta de todos os quartos.

No atual estágio regressivo, todos os presidentes, ou assemelhados/equivalentes/pre-tendentes, sonham com poderes ilimitados. Assim, estamos com um Executivo que sonha poder julgar, um Judiciário que ambiciona

legislar e um Legislativo que almeja governar. Os três estão atuando seus espúrios desejos.

Um adulto maduro e saudável, necessariamente, na elaboração da situação edípica precisou abrir mão dos pais como objetos sexuais, para estar livre para as demais possibilidades.

Quando isso não acontece, ele segue, neuroticamente, buscando pessoas simbolicamente interditas. Nunca se apropria plenamente da sua sexualidade; ela fica com uma marca de ilegitimidade e clandestino roubo.

Na vida amorosa, sexual, profissional, institucional (...) precisa-se elaborar a incompletude e incorporar o saudável limite libertador. Só assim se consegue exercer plenamente todas as potencialidades.

Nossa sociedade, em estado regressivo, parece dividida entre os que esperam/defendem o seu Redentor – cada um com o seu molde idealizado – e os candidatos a Messias que sonham em ser agraciados com a caneta/forquilha/mangueira que anestesiara suas angústias persecutórias.

Não parece uma boa receita. Nossos poderes e seus bebês governantes e/ou pretendentes seguem querendo dormir com a mãe e bulinar o pai. Instituições/funções sem as devidas interdições gestam deformações. ■

Estamos com um Executivo que sonha poder julgar, um Judiciário que ambiciona legislar e um Legislativo que almeja governar. Os três estão atuando seus espúrios desejos.

“CADA QUAL NO SEU LUGAR”

Hoje publicamos o texto de **Alice Lewkowicz, Denise Lahude, Josênia Munhoz, Joyce Goldstein, Luciana Secco e Maria Elisabeth Cimenti** sobre *racismo, diferenças, igualdades... imensos desafios.*

1 • SETEMBRO • 2017

Nos meses de junho e julho de 2017 nós, psicanalistas da SPPA, testemunhamos fatos que entrelaçaram espaços costumariamente separados através das expressões “extramuros” e “intramuros” da psicanálise.

Os fatos

Há dois anos a sede da SPPA passou a ter, como vizinhas, 70 famílias do grupo “Lanceiros Negros”, que ocuparam um prédio do Governo do Estado abandonado há dez anos. Conviviam pacificamente com a vizinhança, num sistema comunitário organizado. Em uma noite fria de junho presenciamos uma ação de desocupação truculenta destas famílias, promovida pelo Governo do Estado. A Brigada Militar protagonizou esta ação de “reintegração de posse”, destinando crianças e seus pais à condição de desabrigados.

Intramuros, no dia 6 de julho, em uma reunião científica, organizada pelas parcerias SMED/SPPA/Projeto Pescar, foi apresentado

pelas colegas da SPRJ, Wania Cidade, Cristiane Rangel, Eloá da Nóbrega e Maria Elisa Alvarenga, o trabalho “Corpo Negro: Indiferença na morte, Indiferença na vida”. Seguiu-se importante debate sobre racismo na sociedade brasileira. As autoras pesquisaram acerca do Cais do Valongo, Memorial dos Pretos Novos, centrando-se nos efeitos psicossociais decorrentes da desvalorização do trabalho e influências do negro na fundação do Brasil. Destacaram as consequências do aniquilamento da memória desta trajetória.

Finalmente, dia 9 de julho, desde fora dos nossos muros, é noticiado ao mundo: UNESCO declara o Cais do Valongo Patrimônio da Humanidade! O Cais do Valongo, construído em 1811 para o desembarque de africanos que seriam escravizados, foi “encoberto”, tornando-se o Cais da Imperatriz. Hoje, considerado o maior porto escravagista da história da humanidade.

Todos sabemos que o racismo está, ora sutil, ora ostensivamente presente em nosso cotidiano, embora não o reconheçamos como fonte de profundas ansiedades.

Tais fatos, articulados, perturbaram ainda mais nossas delimitações entre o que é de dentro e o que é de fora da psicanálise.

Temos lidado com nossos preconceitos raciais em relação aos negros, claramente, através da desmentida. Todos sabemos que o racismo está, ora sutil, ora ostensivamente presente em nosso cotidiano, embora não o reconheçamos como fonte de profundas ansiedades.

Nestas parcerias da SPPA/SMED e Projeto Pescar trabalhamos com indivíduos das periferias socioeconômicas vulneráveis, regiões onde vive a maioria dos negros de nossa cidade. Chamou-nos atenção que, trabalhando com essa população, raramente nos detivemos nos conflitos que possam estar relacionados a emoções vinculadas à segregação imposta aos negros na sociedade brasileira.

Uma auto escuta afinada nos leva ao reconhecimento de estarmos, como cidadãos, embebidos desta “cultura”, na qual assistimos (e consentimos), no nosso dia a dia, a este tratamento dado ao “Negro” e à raça. Enquanto psicanalistas, somos em grande número descendentes de europeus e herdeiros do conhecimento psicanalítico, cujas raízes e atualizações advêm principalmente da Europa. Nossa formação repousa sobre o mesmo solo onde jazem os corpos e as mentes de uma história inaudita e a descoberta arqueológica recente desnuda o engodo de dizer que não acontece(u) o que acontece(u). O sintoma desta síndrome delirante coloca o Negro no lugar do que é não visto, nem compreendido (Achille Mbembe. 2017); da diferença, do heterogêneo, expulsos como desvalor.

A sociedade “Branca” parece necessitar de um escoadouro, que se expressa na ordem social através da definição do que é “Negro.” No nosso entender, “Negro” é o tratamen-

to dado aos corpos e mentes de mulheres, pobres, negros, judeus, homossexuais, estrangeiros etc., cuja motivação não resiste a qualquer exercício de lógica intelectual, mas à lógica das dinâmicas passionais, que provocam exuberâncias irracionais.

A psicanálise, conforme o trabalho de Wania e seu grupo, ocupa-se de interpretar os fenômenos sociais à luz das características psíquicas dos sujeitos. Enquanto nos ocupamos de separar o intramuros e o extramuros da psicanálise, talvez devêssemos, como propõe Birman, procurar pensar a ordem simbólica e política do social como condição para a produção de sujeitos que se impõem certas regularidades psíquicas e não cogitam outras, também possíveis.

Como pensar o heterogêneo, não em uma relação de oposição ou não pertencimento, mas como afirmação, segundo suas próprias particularidades? Como pensar o diferente/de fora como um universal, sem cedermos a qualquer exercício de sua afirmação narcísica ou a algum apagamento, mas fazendo com que caiba no mesmo com todas suas diferenças sociais, culturais, religiosas, etc.? Como conceber uma psicanálise para além das fronteiras de uma sala, mas expandindo-se com as particularidades de seu modo de ver o mundo e nele plantando sua contribuição?

O discurso psicanalítico alardeado é de aceitação das diferenças, porém talvez ainda se viva de acordo com a máxima: “Cada qual no seu lugar”. ■

O TRABALHO ESCRAVO

22 • OUTUBRO • 2017

no Brasil

O IMPÉRIO CONTRA-ATAÇA

A cultura brasileira, em função da forma como sua colonização ocorreu, possui como traço uma certa tolerância no que se refere à escravidão, vista por muito tempo com “naturalidade”. Desde a chegada dos portugueses já predominava um modelo de racionalidade instrumental que, em nome de perseguir os interesses de enriquecer os exploradores, a barbárie era permitida. Há registros inclusive de que em um dos Concílios do Vaticano discutiu-se se os selvagens tinham alma, ou seja, se podiam ser considerados objetos e tratados como animais ou como seres humanos. Fica evidente que desde o início as relações de poder reguladas pela dominação e submissão foram as pedras angulares da colonização, que pautou as relações dos portugueses tanto com indígenas (dizimados praticamente) quanto com os escravos vindos do continente africano, evidenciando mais de três séculos de relações de trabalho sustentadas no modelo escravagista.

Hoje publicamos o texto de **Kátia Barbosa Macêdo** sobre uma prática abominável: o trabalho escravo.

Freud já nos alertava que todas as vezes que as pessoas unidas se sentiram injustiçadas e violentadas, a sociedade que compõem corre sério risco de dissolução, e de forma violenta.

Como resultado e influência do movimento trabalhista e sindical em todo o mundo, ainda que tardiamente, os trabalhadores brasileiros puderam assistir à Consolidação das Leis Trabalhistas, que foi promulgada no governo de Getúlio Vargas somente no Século XX, o que significou uma conquista após muito sofrimento e injustiça sem impunidade ter imperado. Depois disso, seguindo a evolução mundial, as relações de trabalho da OIT e OMS, vários programas e ações foram desenvolvidos visando proteger o trabalhador em sua integridade física, mental, ética e moral. No início do século XXI a legislação ambiental e trabalhista serviu de modelo para prevenção de adoecimento e promoção da saúde, e foi base para vários programas de combate à esclavidão. O Império havia ficado no passado?

Mas, após o início do governo Temer, visando atender única e exclusivamente os interesses dos grandes grupos capitalistas e seguindo os preceitos da lógica liberalista (cada um por si e Deus por todos), o que se percebe é uma série de ações interligadas e orquestradas de forma perversa com um único e claro objetivo: oferecer amplas possibilidades para que a exploração do trabalhador pelos empresários se perpetue sem punição no Brasil. De que forma?

1. Alterações na Legislação Trabalhista que, entre as terceirizações, quarteirizações e mudanças na previdência, vem decretar o fim do contrato de trabalho com garantias para o trabalhador. Onde impera a “livre negociação” entre um explorador e o explorado, já se sabe de antemão quais interesses o contrato preservará;
2. O desmantelamento de todo o sistema de fiscalização, na forma de corte de verbas, demissões e remanejamentos, sucateamento das máquinas e equipamentos que permitem a fiscalização e a punição dos infratores;
3. Mudanças na legislação visando o enfraquecimento e a extinção dos sindicatos.

A sociedade assiste atônita todas essas medidas provisórias, portarias, leis, somadas ainda ao espetáculo televisionado onde imperam a impunidade, exploração e violência, que dão claros indícios de um sistema político corrompido e falido, mas que insiste em descumprir o pacto social fundador da sociedade, pautado nos princípios éticos e na dignidade humana.

A única leitura possível é a de que impera a barbárie (governo caótico dos conquistadores bárbaros ou estrangeiros que subjagam uma sociedade de forma violenta). Freud já nos alertava, desde Totem e Tabu até O Mal Estar na Civilização, que todas as vezes que as pessoas unidas se sentiram injustiçadas e violentadas, a sociedade que compõem corre sério risco de dissolução, e de forma violenta. *Tanatos* assumindo o poder. Qual será o futuro dessa Ilusão: a sociedade brasileira pautada na Ordem e Progresso? Parece que as ideias do Império contra-atacam... ■



CULTURA

**EVENTOS
CULTURAIIS**

GÊNERO

MULHER

SOBRE A VARIEDADE das pessoas que falam a língua portuguesa

— OU SOBRE O PARAÍSO SÃO OS OUTROS

A língua que falamos, de certo modo, nos fala? determina a cultura e o modo de expressão verbal e plástica que nos delimita o pensamento e a emoção?

“Aguardarei, desconfiada. Não aceito as coisas à pressa. Preciso pensar.” Mas pensamos em língua portuguesa, pois não?

Ora, o paraíso é um engana-os-submetidos, pacificando-os à alternativa do extermínio doloroso. Submetendo-os à língua, (ao império) ou sacrificando-os em suplício, do alentejo à calicute, da a guiné bissau ao brasil — a mesma língua das grandes navegações e do império ultramarino. “tudo por causa do amor”!? à cristo!? ao nosso senhor!? ao rei de portugal!? o rei de nossa língua!? Que o digam “os levantados do chão”: livro de saramago, talvez essencial, como pré operatório do 2 congresso de países de língua portuguesa.

Como “o jacaré”, ao paraíso “amo-o mas é melhor não chegar perto”.

O grande potencial de expansão da psicanálise não está em suas teorias do desenvolvimento nem em chegar ao paraíso, mas no seu método: associação livre: refazer o inconsciente na consciência, isto é, levar à linguagem falada, compartilhada, os nexos desfeitos e refeitos em novas e falsas conexões.

“O corpo é minha casa” e em minha casa falo eu por meu corpo, minha boca, minha língua, tantas vezes cortada para que a jornada para o paraíso não seja pervertida: a língua dos negros, índios e escravos. A esperança em psicanálise (e na nossa cultura) é o reconhecimento dos bichos ferozes que somos, o reconhecimento do que fizemos em ato ou em desatino.

O testemunho e a reparação são as vias de reconstrução de um novo, renovado, mundo interior e principalmente do mundo em que vivemos, o mundo entre nós.

Há que ficar, atento, à espera, “pois grandes são os que se corrigem”: percebo! mas compreendo que os pequenos não são menores, pois se não, já vamos nós embarcar

*Neste mês em que se comemora o dia internacional da língua portuguesa publicamos o texto de **Miguel Sayad**, desde Lisboa, inspirado e expirado pelo vídeo baseado na obra de Walter Hugo Mae.*

nas grandes navegações e no grande império ultramarino de novo: lá vamos nós no caminho do paraíso outra vez!!

A re visão conservadora nos atinge a cada esquina, ou quina, do império.

Império da força e da espada, do capital, e... da cruz: de malta. aquela que o maltes carrega em todos os alentejos do império, pelo mundo à fora.

Falo em língua portuguesa, que é a que importa aqui, mas que é como todas as línguas, “sem afinação mas canto assim mesmo, adoro cantar”, “usar uma meia de cada cor, uma branca outra vermelha”, canto homem, canto mulher, mas não se deve bater nem matar, como se fazia antigamente hoje em dia, para tudo se igualar no paraíso.

Depois, sempre tem um paraíso para depois, vemos essa história de maltes como pobre sem rumo que fica mal encarado e precisa de roubar ou esmolar mas também os cavaleiros de malta, malta a serviço do paraíso conquistador à força da espada e da violência “pacificadora”, em nome do império.

Freud tem um texto simples, mas definitivo, sobre a importância reveladora das palavras antitéticas: “nos sonhos manifestos qualquer elemento pode ter também o significado de seu oposto”.

Assim, “contrários não são mantidos separados, mas tratados como idênticos”.

E se fico na solidão, ao contrário da perda do sentido, é a capacidade de sustentá-la, como ao vazio que a acompanha, a oportunidade de renovar, a partir da espontaneidade radical, o potencial criativo que não se submete às regras do paraíso.

Assim, a esperança é ficar à espera do momento de um novo começo, em que a esperança no paraíso é perdida para sempre. agora e na hora da nossa morte.

E ficamos tristes por não podermos fugir de toda a maldade do mundo porque ela está em nós.

Como a tristeza é o testemunho de nosso mal, feito e causado aos outros, a alegria, a alegria da tristeza, é o reconhecimento e o testemunho deste mal feito e a possibilidade de sua reparação pela aceitação radical dos outros em nós mesmos.

A alteridade do meu eu, a minha radical alteridade, é a possibilidade do reconhecimento do mal em mim mesmo: da língua, inconscientemente ou conscientemente, falada em mim.

Em nós mesmos...

e ficamos tristes por não podermos fugir de toda a maldade do mundo porque ela está em nós.

Sempre teremos saudades da ilusão, que em todos nós se constitui com força e evidência e verdade, de termos um pai onipotente e protetor que nos indica, ainda que a ferro e fogo, o caminho do paraíso, e como um ganho secundário ainda extermina nossos irmãos maus.

saudade,

sodade

“preciso pensar

aguardarei, desconfiada. não aceito as coisa à pressa. preciso pensar.” ■

DILMA & MIRIAM

Hoje publicamos o manifesto de **Leonardo Francischelli** contra a ofensa e o desrespeito.

MULHERES BRASILEIRAS

28 • JUNHO • 2017

Nossos jornais trazem a notícia de que Miriam Leitão, quando regressava de Brasília, vinha no mesmo avião de muitos representantes do Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores, que se realizara na capital do país.

Por sua condição de jornalista, colunista econômica do jornal O Globo, além de entrevistadora da Globo News, foi agredida, durante as duas horas que durou a viagem, com palavras tais como: “perversa inimiga do povo”, “uma terrorista”, “terrorista f... da p...” (Flávio Tavares, ZH, 17/18 de junho de 2017).

Anos atrás, muito jovem ainda, ela enfrentou a Ditadura direitista, foi presa, torturada, chamada de terrorista por se opor ao terror dos que assassinavam e seviciavam em nome do Estado.

Nessa mesma época, Dilma também se opunha a esses senhores que ditavam a verdade. Militou na “guerrilha”, foi presa e torturada como Miriam.

Depois a vida seguiu, e cada uma foi em busca de seus sonhos democráticos e de seus desejos de humanização do nosso país tão desigual. Uma trilhou o caminho da política e chegou até a Presidência do país; a outra fala todo dia sobre a política econômica, entrevista personagens para a televisão, além de produzir o documentário sobre Rubens Paiva, uma produção importante sobre a Ditadura militar.

Quantos de nós contamos com essa história de um passado comprometido com uma causa?

Hoje, essas duas mulheres brasileiras são, uma ofendida dentro de uma aeronave por delegados de um partido político importante – o PT – e a outra, destituída da Presidência por deputados federais. No entanto, nem os primeiros nem os segundos contam, em suas biografias, com nada parecido com o que encontramos nas biografias dessas duas mulheres.

Talvez possamos discordar dos percursos de Miriam e Dilma; porém, ofendê-las? Com que direito?! Quantos de nós contamos com essa história de um passado comprometido com uma causa? Por tudo isso, queremos resgatar nossa memória e homenagear essas duas mulheres, representantes legítimas da mulher brasileira e manifestar nosso repúdio a todos aqueles que as ofenderam. ■

Moral sexual “CIVILIZADA”?

Hoje publicamos o texto de **Susana Muszkat** sobre o poder da internet e das redes sociais, tanto agregador quanto violento e destruidor, e sobre a dupla moral vigente na sociedade.

21 • JULHO • 2017

Em recente artigo para o blog da SBPSP, fiz referência à dupla condição das redes sociais no que diz respeito às forças atuantes nas relações de gênero. Naquela ocasião, apontava para como a potência agregadora das redes sociais havia modificado uma situação de abuso na relação entre um homem em posição de poder e uma subordinada sua, do sexo feminino, que vinha sendo assediada moral e sexualmente. O recurso às redes deflagrou o movimento *#MexeuComUmaMexeuComTodas*, dando novo equilíbrio ao desequilíbrio anterior.

Hoje, aponto a condição inversa: o potencial violento e destruidor das redes sociais, ainda nas relações de gênero. Mais especificamente a forma como relações de intimidade entre homens e mulheres são veiculadas na rede, através de fotos que expõem a mulher em sua intimidade sexual. Tal recurso tem o intuito de humilhar, envergonhar, e desqualificar às mulheres com quem estes homens se relacionaram. São, com frequência, atos cujo cunho é o da vingança, e é uma unanimidade o reconhecimento do efeito desmoralizante e devastador que essas práticas têm sobre

Casos de abusos disseminados pelas redes sociais produzem uma condição de trauma permanente, onde, muitas vezes, a única forma de eliminá-lo é eliminando o alvo da humilhação, ou seja, a própria vida.

suas vítimas. As consequências têm caráter traumático levando ao isolamento, ao sentimento de vergonha profunda, de desamparo, de humilhação para si, para a família e filhos, perda da guarda ou do convívio com filhos, perda de trabalho, até o limite do suicídio. Isso atesta para a gravidade que é consequência deste tipo de violência. A questão da humilhação através do uso e da exposição sexual de mulheres é assunto quase que diário na mídia. E casos de abusos disseminados pelas redes sociais produzem uma condição de trauma permanente, onde, muitas vezes, a única forma de eliminá-lo é eliminando o alvo da humilhação, ou seja, a própria vida.

E por que será que colocar fotos de mulheres em situação de intimidade sexual tem tamanho apelo? Não me lembro de alguma vez ter visto na mídia qualquer situação análoga a essa com homens. Homens expostos em poses ou atos de cunho sexual não sofrem o efeito da humilhação ou desqualificação. Fotos com homens evocam o erótico e a potência, não tendo assim efeito traumático. Em suma, não se colocam fotos de homens na rede para humilhá-los; não cola. E qual é a diferença?

Já em 1908, no artigo *Moral Sexual ‘Civilizada’ e Doença Nervosa Moderna*, Freud refere um certo Von Ehrenfels ao dizer: “não é arriscado supor que sob o regime de uma moral sexual civilizada a saúde e a eficiência dos indivíduos esteja sujeita a danos, e que tais prejuízos causados pelos sacrifícios que lhes são exigidos terminem por atingir um grau tão elevado, que indiretamente cheguem a colocar também em perigo os objetivos culturais”. E mais adiante, “No entanto, as diferenças naturais entre os sexos impõem sanções menos severas às transgressões masculinas, tornando mesmo necessário admitir uma moral dupla”.

Qual é esta dupla moral sexual onde, o desejo de poder (fantasia de antídoto contra o desamparo e impotência) autoriza uns à objetualização de outros, transformando-nos todos em qualquer coisa menos civilizados?

Durante mais de dez anos numa ONG, coordenei grupos de discussão com homens, cujo objetivo era a reflexão sobre lugares e papéis de gênero. Tais atribuições de lugares e papéis têm como consequência que muitas das violências praticadas no âmbito familiar se sustentem em crenças normativas, que determinam quais devem ser os atributos de homens e de mulheres em nossa sociedade “civilizada”.

Uma palavra altamente expressiva para ilustrar os lugares de gênero designados e esperados para homens e mulheres é *vagabundo/vagabunda*. A mesma palavra na língua portuguesa tem sentidos absolutamente distintos: para o homem aponta para aquele que não trabalha, não produz bens, atesta para sua impotência. Em relação à mulher, aponta acusatoriamente para aquela que expõe sua sexualidade, seu desejo sexual. A expressão da sexualidade na mulher a desqualifica como mulher honrada.

A internet e as redes sociais potencializam e disseminam os valores da dupla moral da sociedade “civilizada”; moral, essa, vale notar, que não é exclusiva do universo masculino, mas, sim, da cultura como um todo.

Como psicanalistas, podemos pensar na perpetuação da dupla moral, expressa na disputa pela manutenção de lugares de poder, como a manifestação disfarçada do temor ao desamparo, à impotência. A eterna busca de completude narcísica às custas do outro feito de “bode expiatório”.

Respostas violentas de homens em relação às suas companheiras atestam para os valores vigentes em nossa cultura, em que o sentimento de humilhação, para muitos, não pode ser admitido como algo do universo masculino. A resposta violenta – colocar fotos na rede – portanto, visa o resgate imaginado da autoestima por meio de uma demonstração de poder sobre a mulher, condição entendida como essencial e natural para a manutenção da virilidade dentro do sistema de valores predominante em nossa cultura.

Recentemente, li na Folha de São Paulo sobre o projeto de uma mulher cujas fotos íntimas, colocadas na rede por seu ex-namorado em 2006, têm consequências dramáticas que perduram até os dias de hoje. Inspirada na lei Maria da Penha, Rose Leonel criou a ONG Marias da Internet para ajudar outras mulheres que se tornaram vítimas da pornografia em rede. Há também um projeto em andamento para a criação de uma lei que categoriza como crime e prevê punição para tais ações.

Iniciativas como essas devolvem às vítimas seu caráter de humanidade, inserindo-as numa rede de apoio mais ampla, retirando-as do lugar de exclusão e pária. Medidas imprescindíveis para retomada de uma sociedade que se pretende civilizada. ■

UMA **Argentina**

À FRENTE DO GRANDE

DIVÃ FREUDIANA

27 • JULHO • 2017

Hoje publicamos o texto que **Beth Mori** preparou para o OP já em Buenos Aires à espera do Congresso, e que temos o prazer de publicar na data da posse da nova diretoria da IPA.

O título é o da entrevista realizada pelo jornal O Clarín, no último dia 21, com Virginia Ungar, psicanalista da APdeBA (Associação Psicanalítica de Buenos Aires), primeira mulher a ocupar a presidência da IPA (Associação Internacional Psicanalítica).

A mulher, desde sempre, teve sua presença marcada na história da Psicanálise. Já no início Sigmund Freud (1895) se inquietava diante das demandas do corpo feminino e se perguntava “o que quer uma mulher?”. Aprendeu com elas, pessoas comuns, como suas pacientes Ana O. e Dora, muito do que desenvolveu sobre a Psicanálise: uma escuta do que dizem os sujeitos e sua cultura.

A busca pela verdade foi a base do que manifestava o corpo feminino através de suas mais diversas expressões. Freud deslocará o homem centrado na razão a partir da inclusão do inconsciente na constituição da subjetividade. E, ao mirar o desejo (a sexualidade) como aquilo que expressa a fala e suas ações,

propõe um método que privilegia a escuta da palavra ao invés do olhar observador pretensamente neutro da medicina clássica. Para Freud, o campo da psicanálise é o acidental, o traumático por natureza. E tanto os fatores traumáticos (ambientais) ou constitutivos quanto os de disposição (hereditários) comporão a constituição psíquica do sujeito (homens e mulheres).

Além de amigas e analistas ativas Lou-André Salomé e Marie Bonaparte, contamos com a presença marcante de Sabina Spielrein, Helene Deutch, Joan Rivière, no círculo freudiano. No debate sobre a constituição do feminino ressalta-se Helene Deutch, Karen Horney e Melanie Klein. Na verdade, Freud sempre contou com a forte presença de mulheres de sua família: a mãe, a esposa Martha e suas filhas. Ana Freud se destacará na preservação do seu legado.

Muitas mulheres devem ser lembradas hoje em dia tanto no desenvolvimento da teoria como na práxis psicanalítica. Esther Bick inaugura o cuidado atencioso à relação mãe-bebê. Paula Heimann chamará atenção sobre o fenômeno da contratransferência como instrumento de trabalho, com grandes consequências para a clínica, e Madeleine Baranger, com o pensar sobre o campo analítico. Cometo certamente injustiça ao não incluir, neste breve comentário, tantas outras mulheres que ao longo da história da psicanálise vêm contribuindo para a sua continuidade. Mas, não posso deixar de citar uma outra Virgínia (a Bicudo) que foi a primeira psicanalista não médica no Brasil, uma das primeiras psicanalistas brasileiras com trânsito e publicações internacionais. Além de participar da criação das sociedades de São Paulo e Brasília, SBPSP e SPBsb, Virgínia contribuiu também com a psicanálise para a questão racial, sob o enfoque da infância, nos mecanismos relacionados à formação de uma sociedade racista.

Atualmente, evidencia-se uma relação mais complexa das feministas com o saber psicanalítico, que produzirá novos desdobramentos e a ocupação de um lugar de respeito no âmbito dos movimentos progressistas contemporâneos. Na IPA temos a COWAP, o Comitê de Mulheres e Psicanálise, criado em 1998, com objetivo de estimular estudos relativos às mulheres, incluindo, em 2001, a questão de gênero. É um espaço de reflexão teórica e clínica, e de intercâmbio com disciplinas e organizações; produção de pesquisa psicanalítica sobre as relações entre as categorias de sexualidade e de gênero e suas implicações para a psicanálise, reconhecendo as influências culturais e históricas na construção das teorias psicanalíticas relativas a mulheres e homens.

A mulher, desde sempre, teve sua presença marcada na história da Psicanálise. Já no início Sigmund Freud (1895) se inquietava diante das demandas do corpo feminino e se perguntava “o que quer uma mulher?”

A atuação dos homens é ainda hegemônica na gestão de empresas, organizações, instituições em geral. Por isso, também, o momento é de comemorar a presença de uma mulher no principal cargo executivo da IPA. Ressalta-se que as mulheres já têm exercido a presidência e as diretorias das federadas vinculadas à IPA. Virginia Ungar, graduada em medicina pela UBA em 1974, tem uma trajetória profissional de destaques. Recebeu em 2016 o Prêmio Konex de “Platino a las Humanidades de la Argentina” como psicanalista da década. Virginia vem contribuindo para a compreensão das novas formas da comunicação tecnológica e seus efeitos sobre os sujeitos, seus vínculos e a clínica contemporânea, na qual pacientes e analistas mostram-se inseridos em uma cultura fortemente atravessada pelo intercâmbio virtual.

Concluo enfatizando o impacto do trabalho das mulheres no desenvolvimento das ideias psicanalíticas e o legado dessa produção intelectual para a cultura contemporânea. ■

OI, PAI.

Quero escrever essa carta sem pressa. A intenção é cada sílaba. Esse é meu terceiro dia dos pais sem você do lado de fora. Sem o almoço de família e sua alegria tímida, a mesma festa para cada presença e para cada presentinho.

Já fiz três aniversários sem seus festejos antecipados: “quem é que vai fazer aniversário na semana que vem?” “...daqui a três dias?” “...amanhã?” E eu dizia: “sua filhinha predileta.” E você morria de rir. Como a gente se divertia com nossos jogos repetidos, não? Aliás, já faz parte do jogo mesmo repetir e rir de novo e de novo. Sabe que esse seu jeito de comemorar nossa existência durante toda a semana anterior foi adotado por alguns de nós, que temos feito em seu lugar uns com os outros? A gente faz e sabe que está trazendo você para a festa. É um pouco triste e muito bom.

E aquele outro jogo, o do abraço? Quando eu te abraçava muito e você achava que já estava bom e começava a querer se desprender e eu dizia: não não não , ainda não acabeiei... e agarrava mais, você se balançando todo de rir. Quanto mais frágil você ia ficando mais tempo eu queria no abraço. Só agora pensei com essa clareza: eu sabia... mas não com consciência, pois que filha suportaria isso?... que não teria por muito tempo você de pé, os braços em volta de mim, sentindo seu cheiro e a temperatura morna. Aí nosso abraço sentou e deitou e assim ficou até o final.

Pai, uma coisa que você talvez não lembre. Cinco dias antes de você morrer você olhou pra mim como que acordando de um sonho, o olhar vivo e absolutamente surpreso e disse “minha filhinha!”. E eu, encantada, respondi

CARTA AO PAI QUE VIVE EM MIM

Hoje publicamos o texto de
Cíntia Xavier de Albuquerque
em homenagem ao dia dos pais.

“Oi, pai, há quanto tempo!”, e ajoelhei e me abracei a você na cadeira. E você pôs as mãos na minha cabeça. Eu me senti protegida e chorei. Foi uma das muitas despedidas. A última olho no olho.

Bem, meu lindo maravilhoso, aquela falta chocante dos primeiros meses, que doía até na carne, acalmou. Se transformou numa saudade muito agradecida, na saudade terna de uma filha privilegiada. É verdade que é possível não ter pai do lado de fora. Acredito que até por ter tanto pai dentro. Você. O pai que você é pra mim.

Mas, pai, mudando de assunto, a gente se divertiu muito, heim? Eu ligava e dizia “vou te pegar tal hora” e você nem sempre sabia pra que nem pra onde! Você foi um ótimo companheiro! Para alguém acostumado com as águas geralmente mansas dos rios amazônicos, ser colocado nuns veleiros adernados nas Baías de Guanabara e de Angra dos Reis, com ventos surpreendentes, assustadores... meu deus! Pai, a gente corre mesmo riscos nessa vida, é assim. Ainda bem que a gente atravessa a maioria das situações e sai do outro lado.

Aquela falta chocante dos primeiros meses, que doía até na carne, acalmou. Se transformou numa saudade muito agradecida, na saudade terna de uma filha privilegiada.

E as serestas? Ficava me ouvindo cantar e sempre dizia: “tão afinadinha...”. Puxei a você, que cantava pra nós.

Para terminar, estou lembrando de tantas vezes em que você me ligava cedinho perguntando como estava meu dia, pedindo para dar “uma passadinha” no escritório porque queria conversar comigo sobre algum assunto. Você pensava que eu ia te ajudar, mas não imagina como isso foi fundamental pra mim. O fato de você apreciar minhas ideias, meus pensamentos, meus olhares sobre as coisas.

Sério, pai: você me salvou. ■

O QUE O RETORNO DA “CURA GAY”

E O FECHAMENTO DE EXPOSIÇÃO DIZEM SOBRE NÓS?

Essa semana o Brasil recebeu mais um golpe em sua já tão diminuta autoestima. A notícia, com cara de *fake news*, até onde se sabe, é real: juiz autoriza psicólogos a tratar a homossexualidade como sendo uma doença. Na esteira dos acontecimentos da semana passada, com o fechamento da exposição *Queermuseu*, no Santander Cultural, em Porto Alegre, e encharcada de assombro, achei por bem chamar a psicanálise para dar algumas palavrinhas.

Eliane Brum, sempre perspicaz e muitíssimo mais capaz de se comunicar do que eu, escreveu essa semana sobre o ilusionismo que esse burburinho provoca: ao nos voltarmos para tópicos tão retrógrados como a suposta apologia à pedofilia e zoofilia promovida pela exposição, desviamos o olhar de questões tenebrosas que envolvem intolerância e desigualdade de toda ordem, além de violência contra mulheres, negros, homossexuais e transexuais. Ao referir a crise da palavra, que tem como expoente a literalidade da linguagem denotando todo seu empobrecimento, sai em defesa da metáfora e da ampliação da capacidade imaginativa.

Hoje publicamos o texto de **Juliana Lang Lima** sobre acontecimentos recentes assombrosos.

27 • AGOSTO • 2017

A necessidade de normatizar a sexualidade está diretamente relacionada a uma demanda de contenção dos próprios desejos.

Pois bem, me apoiando em Eliane, sugiro que falemos de fantasia. Já há muito tempo sabemos, através da arte, o valor da capacidade simbólica do humano. Disseram, inclusive, que a arte existe para que a realidade torne-se, ao menos, suportável - nem todos contam com a sorte de uma existência abundante de afeto e criatividade. A arte e a imaginação, portanto, são refúgios dos mais sofisticados que o homem foi capaz de criar diante das frustrações que a realidade inevitavelmente impõe.

Em 1905 Sigmund Freud scandalizou o mundo ao demonstrar que em nossa constituição psíquica possuímos todos algo chamado “disposição perverso-polimorfa”. Isso significa que, além de as crianças possuírem sexualidade, esta é fundamentalmente bissexual, anárquica, aberrante, dissociada. Somente após a passagem pelo Complexo de Édipo, a integração da libido e o período de latência, essa sexualidade ganhará contornos mais definidos - isto é, a partir da puberdade. Aqui talvez seja conveniente esclarecer aos não psicanalistas que é necessário diferenciar sexualidade, no sentido amplo da palavra, de genitalidade, que refere-se ao uso sexual dos genitais para obtenção de prazer ou procriação.

Retomando Freud, lembramos que ele nos fala sob o viés da pulsão, uma energia que não cansa de buscar satisfação, seja em forma de sintoma, de fantasia ou no corpo. Dessa forma, até mesmo os cuidados maternos para com o bebê são fonte de libido. Contudo, a cultura tem a função de inibir a descarga, o acesso à consciência e a total satisfação pulsional, pois seria impossível conviver com possibilidades como o incesto, por exemplo (só para citar algo que existe no mundo animal e que no bicho homem, em teoria, é interdito).

Esse impedimento deixa rastros no psiquismo e se constituirá como o mosaico da sexualidade futura. O processo, que nem de longe é simples como o descrevi, é conhecido como recalque, e os resquícios que deixa são os efeitos da disposição perverso-polimorfa vivenciados por cada um de nós. Por isso a sexualidade ser algo tão único e singular: ela é efeito da história de cada sujeito.

Bem, mas e o que tudo isso tem a ver com exposição queer e “cura gay”? Inevitável pensar que manifestações tão truculentas e intolerantes como as que vivenciamos na atualidade têm sua base em um processo de recalque fragilmente estruturado. Dito de forma mais simples, a necessidade de normatizar a sexualidade está diretamente relacionada a uma demanda de contenção dos próprios desejos, aqui entendidos como desejos dos quais o indivíduo sequer tomou consciência. A velha fórmula popular de que o homofóbico, em verdade, sente-se atraído pelo homossexual não pareceria de todo errado, mas quicá incompleta. Quando se trata a homossexualidade como doença (ou se brada pela volta da ditadura militar; ou se afirma que “no meu tempo que era bom”; ou se milita pelo cerceamento da liberdade do outro de ser quem ele é) arrisco dizer que estamos diante de alguém que, para além de fugir do desejo, teme o humano em qualquer de suas expressões. ■

A CURA (GAY), O BODE (EXPIATÓRIO) E A BANHA (DE PORCO)

22 • SETEMBRO • 2017

Hoje publicamos o texto de **Eduardo de São Thiago Martins** sobre subjetividade, sexualidade, desejo, cultura, tantas coisas...

Recentemente, no Planalto Central, um juiz federal concedeu uma liminar que abriria uma brecha no código de ética do Conselho Federal de Psicologia para que psicólogos pudessem “reverter a orientação da sexualidade de seus pacientes”, ou seja, “curar” pessoas de sua própria sexualidade – no caso, homossexualidade. Do ponto de vista da Psicanálise, não faltam referências capazes de expor o absurdo da proposta.

A Psicanálise é regida pela ética do desejo, da subjetividade, da singularidade de cada indivíduo. O sexual psicanalítico opera na ordem da fantasia, da qual os comportamentos sexuais de um cidadão é a mais fina, superficial e, muitas vezes distorcida expressão.

O ser humano faz sexo porque sente prazer, escolhe suas atividades e investe seus amores naquilo que lhe dá prazer. É isso que lhe dá os contornos a que chama de “Eu”, sua particularidade. E da mesma forma que sente prazer, angustia-se, pois percebe-se também

habitado por desejos e impulsos proibidos, uma vez que se vê enquadrado nas leis, na moral e nos bons costumes da época e da sociedade a que pertence.

Cabe à Psicanálise posicionar o sujeito frente às suas angústias, ajudando-o a dar sentido a elas, a conhecê-las, de modo que possa aproximar-se de escolhas mais livres e criativas em seu modo de viver.

A angústia não é doença para a Psicanálise. Aliás, a noção de patologia dificilmente se aplica à teoria psicanalítica. Freud transita todo o tempo, em sua vasta obra, num delicado e pouco delimitado espectro entre o que seria normal e patológico. A angústia é o substrato da cura analítica, e a cura em análise seria a capacidade de formação de compromissos mais salutares entre as leis internas de cada um – leis do desejo, reconhecidas via angústia – e as normas a que estamos submetidos.

Portanto, sugerir algo sobre quaisquer aspectos da sexualidade de um sujeito não está no âmbito da prática psicanalítica. Curar a angústia de um paciente, no sentido de eliminá-la, adequando-o aos parâmetros de normalidade de seu tempo e de seus grupos sociais, tampouco.

Mas Psicanálise não é Psicologia – que engloba, dentre outras, terapias que se propõem a adequar comportamentos – nem Medicina – que faz diagnósticos e busca curar doenças.

Um sujeito apaixonado, sofrendo as dores de um abandono, que procure um médico buscando alívio para sua angústia – aquele aperto no peito, aquele nó na garganta, aquela bola no estômago – não terá seu coração transplantado, nem suas amígdalas extraídas. Talvez acabe sendo medicado com antiácidos, caso o médico em questão seja pouco habilidoso para lidar com suas próprias angústias de abandono. O ponto é que

A sexualidade é angustiante em sua essência; é inquietante.

não podemos curar o que não é considerado doença, apesar de doer. O mesmo vale para o Código de Ética da Psicologia.

Sob este ponto de vista, a interpretação da decisão judicial poderia até parecer simples: já que a homossexualidade não é considerada doença pela Organização Mundial de Saúde, não há o que ser tratado. Decisão, portanto, bizarra e sem sentido.

Fato.

Mas fato frágil e recente, pois até 1990 a homossexualidade ainda era considerada um distúrbio. Ela ainda é crime em 73 países do mundo, em muitos deles sujeita à pena de morte. Mas não no Brasil, por sua vez, campeão mundial de assassinatos por motivos relacionados à sexualidade. Talvez porque o sexo – lato sensu – seja um grave pecado para as grandes religiões do mundo.

A insistência em transformar o que é angustiante em doença, crime, pecado ou bruxaria, para que assim seja eliminado, está evidente na história da humanidade desde sempre.

A sexualidade é angustiante em sua essência; é inquietante. Sempre teremos desejos íntimos e proibidos que lutam bravamente para não serem revelados nem a nós mesmos. As formas de driblar o mal-estar inerente à existência de cada ser humano são as mais criativas, para não dizer, esquisitas. O que é estranho no outro nos coloca frente à frente com o estranho em nós mesmos.

A questão se torna então: quando é que a angústia individual de um sujeito – no caso

o juiz, ou a psicóloga missionária que foi a agente da ação judicial – é capaz de ganhar tanto terreno no campo social? Se compartilharmos as mesmas fontes de angústia, independentemente das práticas sexuais ou de vida de cada um, o fato ocorrido no DF estaria a serviço de que? Ou ainda, a sexualidade serviria como representante, ou bode-expiatório, de quais outras tensões do organismo social que habitamos?

A banha de porco voltou a aparecer nos corredores refrigerados dos supermercados, em abundância de rótulos e embalagens. Até muito pouco tempo atrás, a banha de porco era um grande inimigo do organismo saudável. Mas ela pôde voltar a ter um lugar ao sol, e o glúten tomou seu lugar naarceragem dos ingredientes criminosos.

Não podemos perder de vista que quaisquer discursos, quaisquer formas de saber – gastronômico, científico, religioso, filosófico, político, artístico – estão a serviço de formações ideológicas (conceito de Michel Pêcheux), ou seja, um modo específico de produção que domina uma sociedade e um estado de relações de classe que a compõem – antagonismo, aliança ou dominação.

Leia-se: o que hoje não engorda, não é crime, pecado ou doença, a qualquer momento pode vir ou voltar a ser; vice-versa, interesse a quem interessar.

Os saberes médicos, psicológicos ou psicanalíticos tampouco escapam destas formações de discurso, ou do uso que fazemos deles nos emaranhados dos jogos de poder e controle que nos permeiam. Melhor seria se pudéssemos nos situar menos ingenuamente nesta trama, mantendo-nos mais próximos dos preceitos éticos realmente capazes de sustentar a árdua tarefa que é a construção da liberdade e da coletividade. ■

26 • SETEMBRO • 2017

Hoje publicamos reflexões de **Catherine Lapolli** a partir da suspensão da exposição Queermuseu em Porto Alegre.

VAMOS À EXPOSIÇÃO, DIGO, IMPOSIÇÃO DO SANTANDER CULTURAL?

Nosso maior prejuízo com este episódio me parece que foi o espaço cultural, o espaço mental, o espaço de ser.

Convido os amantes de arte, de ideias e de vivências humanas para rabiscar, no melhor estilo winnicottiano à várias mãos, porque senti falta de um outro para compartilhar meus sentimentos sobre o que a exposição de quadros e a imposição do silêncio me causaram.

Não fui à exposição Queermuseu no Centro Cultural Santander, em Porto Alegre, mas a exposição veio a mim. Não a exposição, e sim a imposição da suspensão da mostra e as reações de muitas pessoas contra e a favor, tanto da continuidade, quanto da interrupção da coletiva. Li manchetes na mídia veiculando forte condenação a quadros que estimulariam a pedofilia e outras perversões, além de desrespeito a religião, e notícias de correntistas do banco que encerraram suas contas bancárias por conta da exposição.

Não gostaria de encerrar investimentos afetivos neste assunto assim, de forma tão precipitada, para não ter perdas maiores. Nosso maior prejuízo com este episódio me parece que foi o espaço cultural, o espaço mental, o espaço de ser. Coline Covington, inspirada em Hannah Arendt, acredita que o mal nasce quando o ser encarna a alienação, quando

[...] acontece a destruição do outro que, seja motivada por gratificações narcísicas ou não, paradoxalmente, implica destruição do próprio self. O self, com suas limitações, necessidades e fraquezas, características que em conjunto constituem o que significa ser uma pessoa – precisa ser também negado. (Livro Anual de Psicanálise, 2014- pg. 307)

Fiquei impressionada não propriamente pelos quadros, mas pelo sofrimento que causaram. Sofrimento em quem viu nas obras valorização da pedofilia e desvalia da religião. E sofrimento em quem se viu privado de ver nas telas algo que poderia gerar um comércio rico de experiências. Sim, os investimentos deixaram de ser no vínculo entre seres humanos que pensam e suas fantasias, e passaram a desinvestimento, a expressão da pulsão de morte, conforme Green. A exposição morreu, foram encerradas contas bancárias, como se assim, fossem garantidos lucros na relação das pessoas entre si, com as crianças ou com a religião.

Não ganhamos mais com o vínculo com o outro? Seja vínculo de amor, de ódio, de conhecimento, ou todos eles, relembrando Bion? Consolidamos nosso patrimônio pessoal com os investimentos que fazemos nos objetos e com o que recebemos de volta, de preferência com juros, ou juras, se não for pedir demais! Formamos nosso psiquismo no contato com o diferente, capaz de nos oferecer o que não temos, ou nos provocar a pensar, se a falta persistir. Precisamos dos bancos para guardar nosso dinheiro, porque dentro do colchão não se gera lucro, bem como precisamos das ideias dos outros para enriquecer as nossas.

Freud tinha uma concepção econômica do psiquismo, mas diferente das que assistimos no caso em questão. Não desperdiçamos energia mental com o que não tem importância para nós, para nossa experiência de prazer. Então, um bom banco de vivências interpessoais garante que possamos investir em ideias ou atos que não representem riscos de perda de amor, e abandonamos trocas que ameacem bons negócios no futuro. Assim, transformamos um prejuízo inicial da exclusão, fruto de perdas inevitáveis de objetos

muito desejados, em um fundo de médio a longo prazo. Se apostarmos na cotação do acervo da psicanálise, para conter pedofilia ou desrespeito religioso é mais vantajoso cuidar das pessoas e falar sobre isso, para reprimirmos juntos estes impulsos, para melhorarmos os recursos pessoais de todos, e não concentrarmos o patrimônio moral na mão de poucos. Precisamos alcançar nossa autonomia financeira e pessoal para nos tornarmos maduros e donos de nossas vidas.

Donos de nossas vidas, não da vida do outro, inclusive da vida mental do outro. Não podemos dispor da vida de crianças, porque elas precisam do espaço da sua infância e da sua sexualidade infantil, diferente da sexualidade adulta. Também não somos donos da vida mental dos artistas, que precisam do seu espaço criativo para brincar com fantasias variadas, uma maneira lúdica adulta de expor conflitos. Não podemos ainda nos adonar da fé, e encerrar uma exposição não cria uma disposição religiosa nas pessoas, harmônica com sentimentos sublimes, nem tampouco rende fraternidade entre todos.

Eu preferiria pintar, junto com todos que quisessem, um quadro colorido de um centro cultural, com muitas pessoas bastante diferentes entre si, circulando entre diversas obras, conversando sobre elas, rindo, enxugando lágrimas, esbravejando, desfrutando da catarse de sentimentos que um bom trabalho artístico pode oferecer. Fui roubada da possibilidade de pensar algo mais sobre *Queermuseu*, fui privada destes bens da mente, que não são um produto bancário e não deveriam ser tratados assim. O vínculo entre humanos não tem preço! ■

ARTE & PSICANÁLISE

14 • OUTUBRO • 2017

A proximidade da Arte e da Psicanálise merece ser lembrada nestes tempos sombrios.

Sabemos que Freud mantinha um posicionamento de reservas quanto às vanguardas artísticas, dedicando seu interesse à cultura clássica, como mostra a sua coleção de antiguidades. Mas é inevitável considerarmos o parentesco de seu pensamento com o modernismo. Porque é na modernidade que se configura a questão de ser único, de ser criativo e original; uma questão plenamente encarnada tanto pela Psicanálise quanto pelas vanguardas artísticas.

Apesar das reservas, Freud foi de suma importância para o movimento modernista. Suas ideias ajudaram a moldar o Expressionismo alemão tanto nas artes plásticas quanto no cinema, assim como teve seus simpatizantes entre os dadaístas e surrealistas.

Como na Psicanálise, é vocação da Arte manter-se em permanente postura de interrogação daquilo que é dado.

Hoje publicamos o texto de **Silvana Rea** que ressalta que tanto a psicanálise quanto a arte têm como função romper com o estabelecido e manter-se sempre interrogando.

Mas o parentesco de Freud com a arte também segue por outros caminhos. Ao construir a Psicanálise a partir daquilo que o surpreendeu por escapar ao estabelecido, como os lapsos de memória, a troca de palavras, os sonhos, ele quebrou certas barreiras, como a convicção na supremacia da racionalidade. O que provocou forte reação na comunidade científica do início do século XX. Para surpresa nossa, a abertura que as noções de desejo, de sexualidade infantil e do próprio inconsciente, que ali provocaram perplexidade e rejeição, ainda hoje desconcerta certos setores da sociedade.

Os grandes escândalos na recepção da arte tornam-se mais intensos a partir da experimentação estética proposta pelo modernismo. Porque o século XVIII, as gravuras eróticas de Hokusai eram aceitas e muito apreciadas no Japão. E na Índia dos anos 950, o conjunto dos Templos do Kama Sutra, patrimônio mundial pela Unesco, era reverenciado.

Mas muitos foram os artistas injustiçados pela postura de intolerância ao novo.

Em 1865, *Olympia* de Manet provocou forte impacto. Considerada indecente por apresentar com crueza a nudez de uma mulher do povo, a obra só não foi destruída pelo público graças à intervenção da administração do Salão de Paris. Hoje ela recebe intensa visitação no Museu d'Orsay. O trabalho de Egon Schiele, um dos grandes do Expressionismo, foi considerado pornográfico e o levou à prisão em 1912.

No Brasil de 1931 o painel de Cicero Dias *Eu vi o mundo... ele começava no Recife*, referência na história da arte brasileira, teve cortados fora os três metros que representavam nus. Em carta à amiga Tarsila do Amaral, Mario de Andrade diz-se boquiaberto com a dimensão da obra e sua mutilação. O mes-

mo Mario de Andrade que já se chocara em 1917 com *Homem Amarelo* de Anita Malfatti, choque que alega ter sido fundamental para o início de sua formação como crítico de arte e que o fez adquirir a obra antes que a maior parte dos quadros fosse atacada a bengaladas.

Aliás, Anita teve sua carreira artística seriamente prejudicada após a publicação do artigo de Monteiro Lobato “Paranoia ou Mistificação”, que a acusa de degeneração.

Esta atitudes de reação à arte lembram que muitas obras também foram rejeitadas pelo regime nazista e expostas na célebre mostra “Arte Degenerada”. A busca da perfeição estética pela beleza ideal era um projeto político de grande amplitude, já idealizado por Hitler em “*Mein Kampf*” (“Minha Luta”), de 1924, onde associa identidade nacional à raça e à produção de diferentes tendências estéticas. É o argumento que sustenta a prática da eutanásia de recém-nascidos mal formados e a veiculação no rádio, sob a batuta de Goebbels, de campanhas desacreditando a arte moderna.

Bem, voltando aos riscos de nossos tempos, talvez nos ajude a lembrança de que a noção de inconsciente e do desejo como motor do psiquismo concebem um homem em direção a algo que o transcende e a algo que sempre ultrapassa o instituído. E que quando segue seu caminho em direção do simbólico, afasta-se dos riscos de ser realizado em ato. É esta a nossa força e esta é uma das funções do trabalho artístico: romper com o estabelecido, transgredir para construir um universo representacional que passa a ser repertório cultural da humanidade. Porque como na Psicanálise, é vocação da Arte manter-se em permanente postura de interrogação daquilo que é dado. Impossível reduzi-las à normatização e regular as suas possibilidades de experimentação. ■





TRABALHO CLÍNICO DO ANALISTA

11 • MAIO • 2017

VIVER

“Morrer mais cedo ou mais tarde não é irrelevante. Relevante, sim, é saber se se morre com dignidade ou sem ela, pois morrer com dignidade significa escapar ao perigo de viver sem ela.”

Cartas a Lucio – Seneca

A PRÓPRIA VIDA

& MORRER

A PRÓPRIA MORTE

Hoje publicamos o texto de **Nize Nascimento** sobre a morte com dignidade – um dos inúmeros desafios contemporâneos.

Atualmente, a ênfase na qualidade de vida está presente até mesmo nos debates sobre a morte e o morrer. O prolongamento artificial da vida retira a possibilidade da experiência subjetiva de si e do mundo, atenta contra a dignidade da pessoa enquanto sujeito. O direito de viver a própria vida e o direito de morrer a própria morte, primeiro e último dos direitos, devem ser interpretados em sintonia com a vontade do paciente em fase terminal ou em situação irreversível de grande sofrimento.

Não se trata aqui de defender a eutanásia, proibida pela legislação brasileira. O que entendo por morrer com dignidade, assemelha-se ao que escreveu Winnicott na autobiografia que não chegou a desenvolver: “Oh Deus! Possa eu estar vivo quando morrer”. A lei assegura o respeito a autonomia, morrer com dignidade é um direito fundamental e isso representa um grande avanço.

Esse entendimento acerca de vida e morte constitui, a meu ver, mais um legado de Freud às gerações que o sucederam. Em suas elaborações teóricas como nas atitudes em relação às perspectivas da própria morte ele nos deixou reflexões preciosas. Comenta Schur, fiel médico que o assistiu ao longo da penosa doença, que mesmo debilitado Freud não deixou de atender alguns pacientes e frequentemente expressava sentir-se revigorado e afortunado pelo fato de ter amigos tão preciosos. Do seu leito, deliciava-se com a vista do jardim e das flores que muito amava, exalando vida.

Na teoria, morte e vida ganham destaque nas formulações acerca das pulsões apresentadas como forças inextricáveis e que atuam impulsionando ações e escolhas humanas. “A morte é a companheira do amor. Juntos, eles governam o mundo. É o que está dito no meu

A morte é a companheira do amor. Juntos, eles governam o mundo.

livro *Além do princípio do Prazer*”, declaração de Freud citada na última biografia escrita sobre ele por Élizabeth Roudinesco. Por conseguinte, o precário equilíbrio que regula nossa ação no mundo reside na junção entre essas duas correntes: vida-amor-eros e morte-ódio-thanatos.

Freud apropriou-se, com autonomia e dignidade, de sua finitude, recusando um inútil prolongamento da vida na morte. Recordando a Schur o pedido que lhe havia feito para que não o abandonasse quando chegasse a hora, mergulhou num sono profundo e tranquilo depois de duas doses de morfina. Em 23 de setembro de 1939 a fronteira da existência é ultrapassada, Freud deu curso ao que sempre pensou e acreditou acerca da condição humana ao preferir optar por um término digno de vida e liberador.

Gostaria de finalizar com uma das inúmeras interrogações feitas por Freud em seu belo ensaio *O Mal-estar na Civilização*: “E, enfim, de que nos vale uma vida mais longa, se ela for penosa, pobre em alegrias, tão plena de dores que só poderemos saldar a morte como uma redenção?”

As citações foram retiradas da tradução de Paulo Cesar de Souza das obras completas editadas pela Companhia das Letras: *Sigmund FREUD, Obras Completas*. ■

ESTRANHOS ANALISTAS

14 • JUNHO • 2017

Hoje publicamos o sensível texto de **Rossana Nicolielo Pinho** sobre a estranheza, o estrangeiro, as aproximações, as diversas migrações.

A escrita

Freud, ainda às voltas com negociações de sua saída de Viena, escreve ao filho Ernest:

“Duas perspectivas me mantém em movimento nesses tempos sombrios: juntar-me novamente a todos vocês e morrer em liberdade.”

Freud reconhecia-se refugiado pois navegara pelas ondas sombrias da morte anunciada, afogara-se em tristeza, desatara laços, desancorando-se de pessoas, objetos e projetos.

Ainda que protegido e referendado, as perdas eram desarranjos sem a certeza de acomodação psíquica, pois nunca se sabe o caminho que tomarão os nossos registros quando da ruptura.

Ironicamente, via-se nas mãos do nazista Anton Sauerwald, em uma estranha relação de desconfiança e necessidade. Dependia desse homem, a sua travessia.

A escrita de Freud, algo que o faz vivo até hoje, encantou Sauerwald. O nazista, num misto de identificação e reconhecimento, certamente envolto em mantos transferenciais, garantiu a liberdade da família Freud.

A escuta e o Setting

“E o espírito anseia por poder libertar-se de todo e qualquer disfarce, a fim de poder revelar-se de coração aberto ao outro a quem confia, com quem quer firmar uma livre e leal aliança. (...). Quase não há sensação que cause maior felicidade do que poder significar algo para os outros. (...). Afinal, o que me parece ser mais importante na vida são as relações humanas; nisso, nem o moderno homem de produção pode mudar alguma coisa, nem tampouco os semideuses ou os tresloucados, os quais nada sabem das relações.” (Dietrich Bonhoeffer – Resistência e Submissão- 1943)

Dietrich era teólogo, luterano, membro da resistência alemã antinazista, preso e morto durante a Segunda Guerra Mundial.

Escrevia cartas como testemunho vivo da subjetividade, buscando nas entrelinhas o caminho de entendimento e libertação.

As cartas comuns eram enviadas ao Diretor da Prisão, na maioria censuradas. As cartas ocultas, essas de linhagem semelhante aos sonhos, eram cuidadosamente levadas dentro das botas do carcereiro, depois enterradas, esperando pelo momento da revelação.

A Psicanálise rompe as muralhas do tradicional Setting Analítico e decide, corajosamente, ainda que permeada pelo desconhecido, ir ao encontro de Refugiados e Imigrantes, tornando-se um estrangeiro em terra de outrem.

Dietrich transformou em prosa a dor que se manifestava no silêncio da reclusão. O carcereiro, esse estranho “analista”, facilitou o caminho da reorganização psíquica, criando um vínculo de reconhecimento e sobrevivência, essa estranha relação em Setting improvisado, em mesclas de “Resistência e Submissão”, nome dado ao livro póstumo de Dietrich.

Analistas migrantes

A Psicanálise rompe as muralhas do tradicional Setting Analítico e decide, corajosamente, ainda que permeada pelo desconhecido, ir ao encontro de Refugiados e Imigrantes, tornando-se um estrangeiro em terra de outrem. Mas quem somos quando longe de nossa “Ilha Analítica”? Seria esse ato um desbravamento de novas terras ou uma experiência profunda de readaptação e redescoberta de uma identidade transformada?

Talvez sejamos Bandeirantes nas novas fronteiras, que embora munidos de boa intenção e da consciência político – social, nos definimos como o migrante: ainda não processamos o efeito de sair da cômoda poltrona que

nos adjetiva, pareados na experiência com o desconhecido, permeados pelo medo e pelo olhar do outro que ainda não nos reconhece.

Não pode ser romântica a nossa migração, tampouco um ato heroico, pois corremos o risco da colonização invasiva das mentes e da negação dos costumes.

A situação é clara: somos analistas estranhos aos estrangeiros e é urgente entender que a oferta do vínculo tem também a tonalidade do perigo. Eles são sujeitos da incerteza, pois ainda se encontram abraçados pela morte que volta e meia se anuncia real e simbólica e, desvinculados das certezas identificatórias, perambulam por definições trêmulas de si próprios. São alvo do “Pânico moral”, expressão usada por Bauman, essa explosão de medo coletivo quando do enfrentamento do diferente, por isso vivem entre a ameaça da exclusão e do refugimento psíquico.

Seremos então, eles e nós, escritores de uma nova história.

Nosso trabalho é abrir as portas da Subjetividade.

Nossa missão é a escuta do canto triste que ecoa do Refúgio, é dar som e destino às cartas de língua estrangeira, é navegar pelo desconhecido sem medo de perder de vista o destino e a liberdade.

Nossa ousadia: fazer existir a Psicanálise para além dos parâmetros rígidos da ortodoxia e entender que vínculo e confiança se fazem também a “Céu aberto”. ■

A FEPAL (Federação de Psicanálise da América Latina) está promovendo, junto com a SPBsb, nos próximos dias 23 e 24 de junho, o I Encontro Inter-regional de Psicanálise de Adultos, dentro de um campus universitário, o IESB, tendo como convidados Elnora Jimenez Arrieta, diretora do Instituto de Psicanálise da AMPIEP (México); Gustavo Jarast, analista didata da APA (Buenos Aires) e Vera Adamo, do GEPde Campinas, analista didata da SBPSP.

O evento tem como proposta articular o diálogo psicanalítico dentro de um campo delimitado por três regiões da América Latina. É importante lembrar que estes encontros são a oportunidade que os psicanalistas têm para compartilhar suas experiências e apresentar seus pensamentos, organizados e extraídos do solitário trabalho dos consultórios, do setting construído na transferência e na escuta das associações.

O tema é a Psicanálise Contemporânea e o subtema, *A Falta e o Excesso*, ou seja, aquilo que entendemos ser a reverberação das transformações da sociedade, da tecnocultura, das novas possibilidades de comunicação e das novas configurações do sujeito frente ao outro e a si mesmo. É um mundo que revela dificuldades à diferença e à alteridade, com tendência a um suposto pensamento comum e homogêneo, que na realidade é um ataque à capacidade de pensar e ao ser criativo.

A Psicanálise CONTEMPORÂNEA

A FALTA E O EXCESSO

Hoje publicamos o texto de **José Costa Sobrinho** sobre um encontro inédito, fruto de parceria da Fepal e da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

19 • JUNHO • 2017

São estes aportes que nos chegam, com um universo que se apresenta como sintoma e sintomas que se apresentam ao nosso trabalho, pedindo uma escuta estendida para estes sofrimentos narcísicos. Isto pode se dar através de novos enquadres ou modificações impostas pelo contexto, que é próprio a cada momento do processo civilizatório, que atualiza angústias, o desamparo e o medo do aniquilamento.

À psicanálise se coloca, portanto, este desafio de traçar o caminho inverso destes deslocamentos e estranhezas, e trazer de novo a possibilidade de um sonhar, do indivíduo se sentir reconhecido pelo outro e ao mesmo tempo pertencer a si mesmo. Para o psicanalista coloca-se ainda uma questão delicada que é o equilíbrio entre a consideração sobre a dimensão social e outros campos da atividade humana e a preservação do olhar e da escuta analítica.

É com estes elementos que este I Encontro Fepal vai nos reunir em Brasília nos próximos dias, em diálogos que acreditamos criativos e transformadores. ■

É um mundo que revela dificuldades à diferença e à alteridade, com tendência a um suposto pensamento comum e homogeneizado, que na realidade é um ataque à capacidade de pensar e ao ser criativo.



OBSERVATÓRIO

OPERANTE

Hoje publicamos o sensível texto de **Denise Goldfajn** correlacionando nosso Observatório e as contribuições e morte de Madeleine Baranger.

HOMENAGEM AOS COLEGAS E À MADELEINE BARANGER

Dentro ou fora do consultório nossa atividade de psicanalista insiste em nos fazer pensar e reconhecer o transbordamento do traumático, que turva os limites entre nossos mundos internos e externos.

Venho acompanhando com interesse as postagens dos colegas nesse espaço. Mais precisamente, são as postagens dos colegas que vêm me acompanhando ultimamente. Sonho com os ecos da infância, passeando pelo mesmo Jardim de Alá carioca, mais plural e tolerante, que foi citado por um colega. Pelas janelas do computador estou em POA e vejo uma criança ser arrancada de um prédio, suspiro em angústia. Me emociono com a emoção da colega de Minas que constrói refúgios para cuidar das cicatrizes dos deslocados. Outra colega nos mostra que empatia e vínculos mais amorosos são as armas disponíveis ao psicanalista

7 • JULHO • 2017

para enfrentar a desigualdade social e o desamparo, que marcam presença em nossos consultórios. Dilmás e Miriams expõem trilhas semelhantes que antes foram compartilhadas e agora bifurcam e, diante de estados de mente totalitários, não encontram espaço para divergir, transformam-se em dicotomias. Outros colegas lembram “Por que a guerra?”, artigo de Freud onde ele sustenta a ideia de que Direito e violência caminham juntos e que a paz é uma utopia que depende mais de diálogo do que de justiça.

Dentro ou fora do consultório nossa atividade de psicanalista insiste em nos fazer pensar e reconhecer o transbordamento do traumático, que turva os limites entre nossos mundos internos e externos. Através das manifestações de colegas sobre o mundo e sobre a microscopia de nossos consultórios nesse espaço, entendo o “OP” como um observatório do que é operante em nosso campo emocional; letras, teclas e telas mesclam experiências psicanalíticas e pessoais compondo uma matriz intersticial onde compartilhamos resíduos relacionais vicariantes, tóxicos e profundamente entristecedores. Quantas gerações serão afetadas pelos descuidos que acontecem hoje? Aquecimento global, terrorismo, corrupção, exclusão social em processos que fertilizam a desconfiança e desautorizam qualquer forma de reconhecimento.

Somos atravessados por notícias que nos chegam com a força de balas perdidas. Uma notícia por e-mail, no entanto, chamou minha atenção recentemente: o falecimento de Madeleine Baranger. Licenciada em Letras Clássicas, psicanalista, imigrante, refugiada. Viveu guerras, radicalismos políticos e institucionais por parte de seus próprios pares, colegas psicanalistas. A notícia de sua morte me mostra a vitalidade da autora que

conheço apenas através da leitura de artigos. Madeleine e seu marido Willy Baranger formularam a teoria do campo dinâmico em psicanálise, ampliando a compreensão dos processos transferenciais/contratransferenciais, que vistos a partir de suas ideias, tornam-se forças de um campo criativo. É no campo do encontro entre pessoas que as forças transferenciais se manifestam mutuamente entre psicanalista e paciente revelando as marcas ancestrais de histórias pessoais que revelam, em detritos, a experiência de muitos.

Os Baranger, como Ferenczi, Bion e Winnicott, falam do ambiente emergente, da urgência do meio, buscando entender a matriz ativa dos acontecimentos que nos cercam. Termos como “ponto de urgência”, “fantasia nodal”, “ambiguidade essencial”, “baluartes” (arquitetura defensivas que impedem a expansão do campo) e “segundo olhar” foram conceitos técnicos, criados pelos Baranger, que nos ajudam a manejar o campo dinâmico. Qualquer associação entre os termos citados e os acontecimentos que nos rodeiam não é mera coincidência. Muito obrigado aos colegas que enriquecem meu campo de entendimento e atuação com seus escritos e à Madeleine Baranger pela riqueza do legado que nos deixou. ■

Vivemos um período turbulento, em que a violência, a corrupção, o fanatismo, a irracionalidade e a dificuldade de ouvir o próximo se tornam um desafio cotidiano. Neste mês de julho, psicanalistas de todo o mundo se reunirão em Buenos Aires, no Congresso da IPA, cujo tema central é a intimidade. Pensar a intimidade, que é uma procura constante dos seres humanos, e cuja evitação pode estar na base de tantas formas de manifestações patológicas individuais e grupais, é uma oportuna resposta psicanalítica aos desafios de nossos dias.

Intimidade (do latim, *intimus*, dentro, experiência interior, relação consigo mesmo e com o/os outro/s) tem uma relação natural com o vínculo, elemento central do ciclo vital e da relação analítica.

SOBRE A

14 • JULHO • 2017

INTIMIDADE

Hoje publicamos o texto de **Claudio Eizirik** sobre o tema do nosso Congresso da International Psychoanalytical Association (IPA).

Desde o início da vida, a intimidade desempenha um papel essencial nas relações humanas, começando pelo longo período em que a mãe carrega o bebê dentro de si e os primeiros anos de vida, detalhadamente estudados por Melanie Klein e Winnicott.

Erikson (1980) descreve o conflito entre intimidade e isolamento como característico da idade adulta. Uma vez estabelecida a própria identidade, tarefa da adolescência, é possível formar vínculos íntimos e recíprocos e aceitar os sacrifícios e compromissos que tais relações exigem. O amor sexual é sem dúvida uma das principais coisas da vida, e a união da satisfação mental e física no gozo do amor constitui um de seus pontos culminantes. Aparte alguns excêntricos fanáticos, todos sabem disso e conduzem a vida dessa maneira: somente a ciência é refinada demais para admiti-lo, afirma Freud (1915).

Mas como fica a intimidade em tempos de modernidade líquida? Observando a realidade em que vivemos, parece haver uma fuga fóbica dos vínculos de intimidade, sob a aparência de uma enorme e global intimidade, como acontece nas redes sociais, nos sites de relacionamento, no Tinder e coisas parecidas. O que penso, tanto a esse respeito como em relação a outros temas, é que nem uma visão catastrófica, nem uma aceitação frenética da suposta liberdade de comunicação são úteis. Há situações em que a comunicação virtual funciona como um objeto ou fenômeno transicional para que um jovem chegue a um vínculo de intimidade com outra pessoa. E há situações em que, na verdade, se apaga toda relação humana pessoal e observamos aqueles que vivem, como diria Freud, “in absentia” ou “in effigie”, mas agora com uma roupagem virtual. De todo modo, esta é a linguagem contemporânea e duvido que haja alguma

A relação analítica nos oferece o cenário para compartilhar com nossos pacientes a narrativa de suas vidas, de seus sofrimentos psíquicos e a história de seus vínculos de intimidade, de agressividade e de suas inevitáveis solidões.

análise em que certas comunicações não sejam feitas mediante imagens, ou sons, ou em movimento, com esses pequenos aparelhos dos quais ninguém mais consegue prescindir.

Na velhice, o vínculo consigo mesmo adquire particular importância. Um aspecto crucial da velhice é o tempo que passa. Danielle Quinodoz (2011) descreve os segundos de eternidade, momentos intensos em que a pessoa sente que existe, o tempo cronológico fica como que suspenso e a vida adquire plena relevância. O choque da beleza, do amor, de certos silêncios, de grandes dores, de escolhas determinantes, a tomada de consciência ou o insight numa análise são exemplos desses segundos de eternidade.

Um vínculo especial nesse período é com os netos, com os quais cada um revive seus momentos de eternidade no presente e experimenta a emoção única de sentir que sua vida vai continuar depois de sua morte pessoal.

A relação analítica nos oferece o cenário para compartilhar com nossos pacientes a narrativa de suas vidas, de seus sofrimentos psíquicos e a história de seus vínculos de intimidade, de agressividade e de suas inevitáveis solidões. Entre as muitas contribuições para a compreensão do que ocorre na relação analítica, devemos a Racker e aos Baranger (1961-2) as noções-chave de contratransferência e de campo analítico, que propiciaram aos analistas atuais um trabalho mais próximo com a emoção compartilhada em cada sessão e a possibilidade de trabalhar com material analítico mais profundo.

Chasseguet-Smirgel (1988) considera que, na maioria dos casos, os analistas levam ao seu trabalho uma mescla equilibrada de traços femininos e masculinos, fruto de suas próprias identificações maternas e paternas. Descreve a “disposição à maternidade”, a capacidade de esperar e ver desenvolver-se uma relação, num lento e paciente trabalho cotidiano, que lembra a gravidez.

Dois autores que representam, a meu ver, uma nova fronteira na prática da psicanálise são Ogden e Ferro. Em seus trabalhos, podemos acompanhar os movimentos da mente do analista, que utiliza todos os seus recursos oníricos e de memória para construir com seu paciente uma rede de sonhos nas sucessivas sessões que podem dar significado presente e passado a sua dificuldade de sonhar e de estabelecer um vínculo de intimidade.

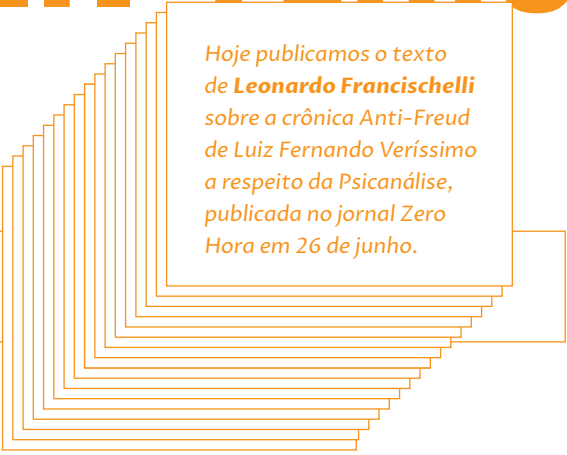
Há que se buscar manter presente a disposição à maternidade, ou o segundo olhar, ou a calma necessária para encontrar a interpretação, ou a pergunta, ou o silêncio que nos permitam viver momentos de intimidade na relação analítica. ■



Notas sobre
uma crônica de

L.F. VERÍSSIMO

3 • AGOSTO • 2017



Hoje publicamos o texto
de **Leonardo Francischelli**
sobre a crônica Anti-Freud
de Luiz Fernando Veríssimo
a respeito da Psicanálise,
publicada no jornal Zero
Hora em 26 de junho.

Não é nada simples discordar das palavras de nosso músico e cronista maior L. F. Veríssimo.

Vencendo bravas resistências, atrevemo-nos a tecer algumas considerações contra as advertências do poeta das palavras e senhor de um humor inigualável.

Ele parte – em uma crônica editada por ZH em 26/06 – do crítico literário Frederick Crews; este lúcido senhor distribui muitos adjetivos à figura de Freud, que não colocaremos aqui, em consideração aos leitores.

Contudo, se permitem os editores, colocamos aqui, isto sim, aquilo que pensa o escritor que tanto admiramos. Diz ele: “de qualquer forma, Freud não está tendo uma boa posteridade. A Psicanálise como terapia foi em boa parte ultrapassada pelo tratamento químico, e as suas teses sobre o inconsciente coletivo e sua importância no devir da História explicam, mas não influenciaram a História”.

Bem, para começo de conversa, Freud nunca falou em “inconsciente coletivo”; o autor dessa tese é outro. Obviamente, isso por si só não desacredita nosso “Anti-Freud”. Revela,

porém – como diria um freudiano clássico – seu inconsciente, sobre o qual nada diremos, porque não estamos autorizados por ele.

Por outro lado, colocar que a “Psicanálise como terapia foi em boa parte ultrapassada pelo tratamento químico” revela um crítico audacioso. Entretanto, como pode alguém com todo o prestígio do mundo – seguramente, nosso estimado conterrâneo não desconhece esse fato – expressar uma opinião dessa magnitude?

Se vencêssemos a timidez diante de um gigante das letras e exímio leitor do social, nos atreveríamos a esboçar um pensamento com alguma malícia: como está escrito, não podemos pensar que expressa uma posição a favor dos psicofármacos, em oposição a um processo de subjetivação promovido pelo tratamento psíquico da alma, a Psicanálise?

A Psicanálise é como a poesia que exalta a beleza das palavras. A Psicanálise é como a música que emociona a alma e exalta a beleza da vida. Ela é como o vinho que adocica o coração. A subjetividade e a responsabilidade da alteridade precisam ser libertadas da tirania da alienação psíquica. E onde isso pode acontecer?

Na intimidade de uma sala de análise e não em um consultório. Na simplicidade de um divã desbotado e de uma poltrona descuidada. Nesta simplicidade, trabalharemos na subjetivação do homem no séc. XXI. Não a medicalização abusiva como palavra de ordem.

Um abraço amigo para o nosso músico poeta letrado. ■

A subjetividade e a
responsabilidade da alteridade
precisam ser libertadas da
tirania da alienação psíquica.
E onde isso pode acontecer?

MORTE & VIDA

Hoje publicamos o texto de **Ney Marinho**, diretor científico da Febrapsi, sobre o tema do nosso XXVI Congresso Brasileiro, que ocorrerá de 1 a 4 de novembro, em Fortaleza. Estamos todos convidados.

NOVAS CONFIGURAÇÕES

irmãos de língua portuguesa, ouvir e discutir como se vive e se morre em nossos tempos e em nossas culturas.

Nestes dois anos também assistimos a volta dos fantasmas da intolerância, do conservadorismo obscurantista, do racismo, dos muros e embargos, da xenofobia que, se por um lado, nos despertou mais tédio e cansaço do que medo, como outrora, por outro, deu mais sentido à nossa proposta de realizar um congresso pluralista e inclusivo.

Se o nosso país é mestiço e disto estamos aprendendo a orgulhar-nos, culturalmente é aberto às diferentes influências e temos, no nosso caso, desenvolvido uma psicanálise altamente diferenciada, onde se pode aprender de Freud a Lacan, passando por Klein, Winnicott, Bion e Kohut, sem falar em Ferenczi e Green, entre outros, sem apelar a fontes externas. Adquirimos uma legítima autossuficiência nesse campo que se expressa nos grupos de trabalho e cursos de nosso programa. Da mesma forma incluímos em

Nosso Congresso nasceu sob a palavra do poeta - morte e vida, novas configurações, cheio de dúvidas e esperanças, como talvez os humanos nasçam, mas não nos lembremos!

Neste dois anos, desde a escolha do tema até esta abertura, percorremos com os companheiros de diretoria este país de Pelotas a Fortaleza, do Rio de Janeiro a Brasília. Fomos também a Lisboa encontrar nossos

24 • OUTUBRO • 2017

Assistimos a volta dos fantasmas da intolerância, do conservadorismo obscurantista, do racismo, dos muros e embargos, da xenofobia que, se por um lado, nos despertou mais tédio e cansaço do que medo, como outrora, por outro, deu mais sentido à nossa proposta de realizar um congresso pluralista e inclusivo.

nossa grade diversas áreas de interlocução da psicanálise, daí as inúmeras mesas de psicanálise e universidade, educação, artes plásticas, literatura, cinema, política, religião, filosofia e pesquisas que aqui prosperam de forma singular: como os estados primitivos da mente, o atendimento a crianças, pais - bebês, idosos e espectro autista.

Neste trajeto encontramos novos parceiros, como a UNILAB - nossa Universidade da Lusofonia - e o SESC CE, braço social da Fecomércio, com os quais a sintonia foi imediata. Sentimo-nos tal como Dante, guiado por Virgílio, conduzidos por João Cabral, para empreender com este povo nordestino, sofrido e valente, o caminho de novas descobertas. Inesquecível ver a experiência de uma universidade de negros - de todas as etnias da Velha África - como em Redenção, ou em São Francisco do Conde, visitar o Campus dos Malês, no município mais negro do Brasil. Isto nos permitiu vir até aqui com o mesmo entusiasmo com que, na juventude, muitos de nós pensávamos transformar o Brasil num país de todos e não de alguns.

Este Congresso é apenas mais um passo, fruto de 50 anos de Febrapsi, do esforço de muitas gestões anteriores, no sentido de trazer a psicanálise para as nossas culturas como um instrumento de libertação para o pensar livre e responsável.

Neste trajeto nosso principal obstáculo reside em nós mesmos. Na resistência ao novo, ao desconhecido.

Desejamos, voltando ao nosso poeta, que tomem este programa como um caderno novo, com a alegria do novo, para nele escreverem uma nova história das relações da psicanálise com a cultura brasileira. ■

MORTE & VIDA

Hoje publicamos o texto de **Daniel Delouya**, presidente da Febrapsi, sobre o tema do nosso XXVI Congresso Brasileiro de Psicanálise, que ocorrerá de 1 a 4 de novembro, em Fortaleza. Estamos todos convidados.

NOVAS
CONFIGURAÇÕES



27 • OUTUBRO • 2017

Morte, luto e separação foram motivos, assim nos confessa Freud em sua obra inaugural, de sua autoanálise e, em consequência disto, da invenção da psicanálise. A morte e/ou a perda, ou a separação do outro, é sempre, em certo grau, senão definitiva, ao menos em certo e significativo sentido, incontornável. A morte instaura, portanto, o tempo; coloca a vida em relevo, revelando-a pelos sentidos. É uma maneira de constatar, intuitivamente, a precedência lógica, do ponto de vivência psíquica, da morte em relação à vida. A perda, no entanto, só se constitui como tal em relação a uma vida que se construiu. Freud remonta essa perda à constituição do sujeito pelas experiências primordiais junto ao objeto de origem, sob os auspícios de coordenadas culturais integradas ao mesmo. A morte surge, portanto, em relação a uma longa jornada de construção da vida. Os antropólogos assinalam que a percepção e o culto aos mortos são tardios na história da humanidade: coincidem com o aparecimento da sexualidade não periódica, não hormonal, e o uso de símbolos pelo homem. Freud lembra que o homem primitivo obteve clarão sobre a morte através do sonho: a morte seria o corpo abandonado pelo sonho, este sendo o motor de vida do corpo.

Outra concepção relaciona a morte com o pânico, a agonia, o pavor ou o medo sem nome, os sentimentos extremos de vazio, de aniquilamento, de catástrofe, de limites da existência e, no regime social, todas as formas de alienação do outro, na abolição de seu reconhecimento. Vários psicanalistas, de Freud, Ferenczi, Klein, Lacan a Winnicott e Bion, relacionaram esses estados aos momentos extremos de desamparo do começo da vida, ou de reações extremadas diante da carência ou de graves falhas do próprio ambiente humano que deixou de comparecer, e adequadamente, nos começos da vida.

Não se trata aqui de perda, ou de embate, na fantasia ou não, com outros (relação de objeto), mas de ameaças de inexistência, ou dissolução da existência (cujos extremos casos são inferidos de estados autistas), onde o tempo inexistente, não tem fim: é infinito.

Teriam esses estados, onde a vida mal se vislumbra senão em suas bordas de desespero, algo a ver com a morte? ■

Teriam esses estados, onde a vida mal se vislumbra senão em suas bordas de desespero, algo a ver com a morte?



EDUCAÇÃO

INFÂNCIA

ADOLESCÊNCIA

O suicídio envolve um sofrimento psíquico extremo, percebido como insuportável, em que a morte é vislumbrada como única solução para cessá-lo. Os processos mentais associados ao suicídio são vivências depressivas intensas, afetos de desespero e ódio e uma autoimagem desqualificada, em que o eu dirige contra si sua agressividade. A percepção de si e do outro ficam borradas por intensas emoções, o que dificulta um pedido de ajuda.

O processo suicida ocorre muitas vezes silenciosamente sem revelar indicadores

externos do que está se passando com o sujeito. Inicia-se com a contemplação de que seria melhor estar morto, depois podem surgir ideias e planos suicidas. Caso o sofrimento psíquico se intensifique e não sejam construídas outras saídas, a verbalização de ideias suicidas ou tentativas de suicídio podem ocorrer, marcando o aumento do risco. A contemplação da morte, o pensamento suicida e a tentativa de suicídio alertam para a necessidade premente de uma escuta qualificada e profissional que possa ajudar o sujeito a encontrar caminhos que lhe possibilitem uma religação com a vida.

O suicídio é uma das principais causas de morte entre adolescentes e jovens (15 a 29 anos) em todo o mundo. O adolescente tem um aparelho mental menos desenvolvido em termos de recursos para lidar com as experiências, em que algo os atinge e há pouco espaço de elaboração. Sua pele psíquica é mais

20 • ABRIL • 2017

SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA

Hoje publicamos o texto de **Daniela Prieto** sobre um tema atual cada vez mais preocupante



**ESPELHO DE UM NARCISISMO
DESPEDAÇADO**

fina e permeável, próxima a da criança, o que os torna mais susceptíveis ao impacto do que vem de fora, como mudanças das condições de vida, perda de laços afetivos, lutos, migrações, violência. Suas dificuldades de encontrar palavras para expressar seus sentimentos podem inviabilizar um pedido de socorro em situações de aumento de sofrimento. Dessa forma, o impulso vem e pode dar passagem ao ato sem muita reflexão. Sem muito filtro frente ao que vem de fora, a saída pode ser uma ação suicida para lidar com os conflitos e desafios da vida. Aqueles que tiveram o desenvolvimento emocional na infância e adolescência marcado pelo não investimento afetivo de seus cuidadores ou por situações de violência (verbal, física, sexual) tendem a formar uma autoimagem desqualificada, em que vivenciam dificuldade de experimentar amor por si mesmos, sendo mais vulneráveis frente a situações adversas. Por outro lado, práticas educativas que não colocam limites para suas crianças não as ajudam a aprender a lidar com as frustrações, que podem ser vividas como insuportáveis e intoleráveis, já que o eu não desenvolveu recursos para lidar com elas.

Os adolescentes e jovens enfrentam o desafio de ingressar na vida adulta em um mundo contemporâneo cada vez mais complexo e exigente, em que predominam relações de competição, onde não encontram refúgio para lidar com o sofrimento. A aceleração do cotidiano na Sociedade do Desempenho, em que as pessoas se assolam de atividades, empobrece as redes de solidariedade que poderiam oferecer um espaço de acolhimento e trocas afetivas para lidar com as adversidades.

Sua pele psíquica é mais fina e permeável, próxima a da criança, o que os torna mais susceptíveis ao impacto do que vem de fora, como mudanças das condições de vida, perda de laços afetivos, lutos, migrações, violência.

Os adolescentes e jovens buscam construir uma imagem de si que ainda é muito instável e dependente do olhar do outro. A cultura contemporânea, com a espetacularização da vida privada, muitas vezes os torna reféns de uma imagem especular que tentam construir de si mesmos nas mídias sociais. Ficam mais vulneráveis a situações de desqualificação que podem tomar proporções devastadoras na sociedade atual, nas quais ferramentas de comunicação são utilizadas para potencializar insultos, como no *cyberbullying*. As situações de humilhação e violência podem intensificar vivências depressivas, sentimentos de solidão e desconexão com o outro e ativar um processo suicida em pessoas vulneráveis. ■

Hoje publicamos o texto de **Ruggero Levy**, desenvolvido a partir de festas promovidas por escolas para festejar o encerramento do Ensino Médio no Brasil.

3 • JULHO • 2017

A desastrada atividade “Se nada der certo” do Instituto Evangélico de Novo Hamburgo (IENH - RS) talvez denote a desorientação ética que vivemos atualmente em nosso país. Pelo que pude compreender esta escola pretendia levar os alunos a fazer uma reflexão sobre o que eles fariam caso não fossem aprovados no vestibular, trajetória usualmente buscada pelos estudantes de classe média e alta no Brasil. Entretanto, estes educadores conduziram seus alunos a uma confusão de valores, pois ao se imaginarem sem um curso superior, os jovens se fantasiaram com roupas de profissões de quem, por assim dizer, “não deu certo”: faxineiros, vendedoras de cosméticos, porteiros, etc. Ora, como não deram certo? Por que não deram certo? Na verdade, o que é dar certo, hoje no Brasil?

“SE NADA
DER CERTO”

DEVERIA SER

“O QUE É DAR CERTO
NO BRASIL?”

Estamos vivendo hoje no Brasil uma espécie de “macarthismo moral” prontos sempre a perseguir moralmente “aquilo que não é espelho”, numa forma de pensar simplista, por vezes fanática, avessa às complexidades da realidade.

O ponto de partida para refletir sobre essa questão é a enorme desigualdade social que vivemos no Brasil há séculos. Então, podemos dizer que “não deu certo” um porteiro que trabalha de sol a sol para sustentar seus filhos e que logra que eles cresçam fora da marginalidade, estudem em uma escola pública e ganhem seu sustento de forma também digna, em carreira universitária, ou não? Claro que deu certo – e muito certo! –, pois teve que vencer inúmeras adversidades, assim como seus filhos, para terem uma vida pautada pelo bem.

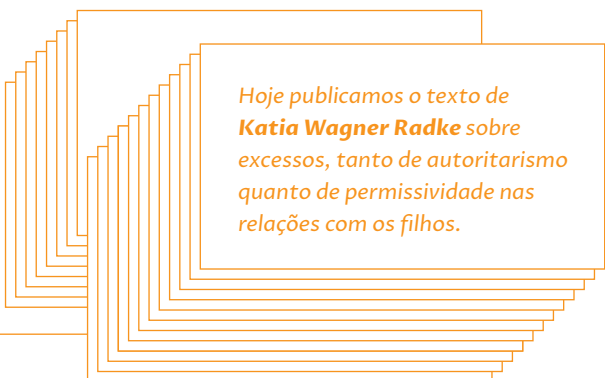
“Dar certo”, do meu ponto de vista, é muito mais do que ter acesso a uma universidade ou a um diploma universitário. Penso que a reflexão sobre o que é “dar certo” em nosso país, além de considerar a enorme desigualdade social e, portanto, de oportunidades, deve ser pautada pela ética e não por conquistas acadêmicas ou financeiras. Por exemplo, duas das empresas de maior sucesso financeiro do Brasil, Odebrecht e JBS, verdadeiros conglomerados internacionais com faturamentos na casa dos bilhões de dólares tiveram êxito financeiro (eu não diria “deram certo”) às custas de vergonhosas negociatas, corrompendo políticos de todos os níveis de poder, de diversas latitudes nacionais e de variadas colorações ideológicas. Certamente tínhamos e temos entre os articuladores destas “tenebrosas transações” muito profissionais de nível universitário, graduados e pós-graduados. Isso é “dar certo”?

Do ponto de vista ético – praticar aquilo que é considerado o bem dentro de uma determinada comunidade –, o porteiro acima referido deu muito mais certo do que estes abastados empresários, réus confessos, possuidores, muitos deles, de diplomas das melhores universidades do mundo.

Desvalorizar, tirar o valor humano, de porteiros, faxineiros, empregadas domésticas e, a priori, valorizar qualquer outra profissão é puro preconceito.

Mas tenho outra preocupação. No ambiente dicotômico que vivemos hoje no Brasil, no clima do “nós e eles”, verdadeira cisão em que o mal é projetado no outro e o sujeito acredita-se portador do bem e da verdade absoluta, incapaz de reconhecer suas faltas, seus erros e suas transgressões, temos que cuidar para não crucificar estes jovens. Temos que cuidar para não subirmos no pedestal da superioridade moral e apontarmos para eles como se fossem os portadores da vergonha. Estamos vivendo hoje no Brasil uma espécie de “macarthismo moral” prontos sempre a perseguir moralmente “aquilo que não é espelho”, numa forma de pensar simplista, por vezes fanática, avessa às complexidades da realidade.

Estes alunos são jovens de classe média e média alta – e isso não é pecado – vítimas da desorientação ética que hoje vivemos. A escola, falando genericamente, é que tem o dever de fazer reflexões éticas mais profundas e medir as consequências das atividades que propõe a seus alunos. ■



Hoje publicamos o texto de **Katia Wagner Radke** sobre excessos, tanto de autoritarismo quanto de permissividade nas relações com os filhos.

27 • AGOSTO • 2017

CONVÍVIO ENTRE PAIS & FILHOS NA CONTEMPORANEIDADE

Porém, se pensarmos que os excessos podem ser tão nocivos quanto as faltas, poderíamos tentar entender que o excesso de autoridade/autoritarismo do passado pode ter se transformado em uma falta de autoridade e um excesso de permissividade nos dias atuais.

Temos nos questionado, seguidamente, acerca do quê estaria acontecendo com os vínculos familiares na contemporaneidade. Se até meados do século passado, as estruturas familiares pareciam se basear na hierarquização e na verticalidade cujo princípio básico era a autoridade parental (talvez autoritarismo, despotismo!), atualmente temos visto que a horizontalização e o “borramento dos papéis familiares” têm predominado.

O excesso de tolerância e de permissividade por parte dos pais na contrapartida de uma importante intolerância à frustração dos filhos, têm sido um cenário comum na atualidade.

Talvez esta formação favoreça a criação de “um novo” despotismo, agora dos filhos! Não estaria, neste contexto, havendo uma inversão de papéis entre pais e filhos? Não, obviamente, no sentido do despotismo, mas

da necessidade que um filho tem de ter nos pais uma referência, um modelo que, no mínimo, guarde as diferenças inerentes à passagem do tempo!

Estaríamos frente a um novo conflito de gerações? Não mais, como no passado, pelo rígido distanciamento entre gerações, mas, agora, por uma dificuldade de discriminar as gerações? Penso que sim...

Os filhos das famílias de meados do século passado são os pais de hoje. Outrora, a possibilidade de questionarem e de discordarem de seus pais não era bem-vinda. Talvez possamos pensar o quanto este silêncio pode ter aprisionado a voz da individualidade e da autonomia dessas pessoas.

Se sabemos que muitas vezes conflitos não resolvidos por um pai ou por uma mãe podem eclodir em gerações seguintes, não poderíamos pensar que os filhos de hoje gritam e reivindicam um espaço que não foi permitido a seus pais no passado? É possível que possa estar aí a excessiva complacência dos adultos à tirania dos filhos, pois “dão” aos filhos aquilo que lhes foi “negado”.

Porém, se pensarmos que os excessos podem ser tão nocivos quanto as faltas, poderíamos tentar entender que o excesso de autoridade/autoritarismo do passado pode ter se transformado em uma falta de autoridade e um excesso de permissividade nos dias atuais.

Acredito que é preciso pensar que nossos filhos não podem ser cópias melhoradas de nós mesmos. Precisam, sim, ser edições originais e autênticas de si mesmos! Estando intrínseco aí que o borramento de diferenças promove muito mais a confusão do que a clareza e o livre pensar! ■

SEMBLANTE DE VERDADE & PRECONCEITO

Hoje publicamos o texto de **Beth Cimenti** sobre um acontecimento surpreendente, como tantos que temos vivido ultimamente...

Testemunhamos na atualidade situações que nos deixam perplexos. Recentemente circulou em jornal paulista a seguinte notícia:

Juiz absolve pai que espanca filha adolescente com um fio elétrico e raspa o cabelo da jovem, por ela ter perdido a virgindade com o namorado.

A sentença do juiz foi, por ele, justificada pelo fato de julgar pertinente o pai aplicar uma medida corretiva na adolescente.

Trata-se de uma situação pontual e que põe às claras a discriminação. Entretanto, este fato expressa a discriminação inserida no imaginário social e pode nos levar a pensar sobre o rechaço às diferenças em geral. Fatos que falam de intolerância se acumulam,

a exemplo do fechamento pelo Banco Santander da exposição do *Queermuseu* em Porto Alegre e a autorização judicial da cura do homossexualismo com todas as implicações políticas que sabemos existir por trás disso. Então, observamos expressões de autoritarismo exercidas pelo poder paterno, econômico e judiciário, que se sente no direito de, em nome de sua suposta autoridade, tomarem-se de poder para cometer atos tirânicos. Inquestionável que estamos vivendo experiências maciças preconceituosas que atingem pessoas violentando seus direitos como cidadãos, a serviço de éticas particulares e lógicas totalitárias.

Mas o que sustenta estes preconceitos?

Parece que nossa cultura se alicerçou sobre semblantes de verdades. Semblantes construídos através de mitos explicativos de exercício de dominação apoiados em uma

30 • SETEMBRO • 2017

dualidade estática na base do Senhor e o do Escravo hegeliano. Tal dualidade se repete espectral e infinitamente, sem que se alcance uma consciência de si capaz de reconhecer nossos limites e desamparo. A consciência de nossa vulnerabilidade é difícil de se sustentar. É provável que um pai que ataque assim, como acima exemplificado, a uma filha, suponha que chegará a controlar a situação se for violento. Mas em que, o exercício desta violência, de fato, o tornará mais capaz de controlar a natureza ou as diferenças de convicções, credos e desejos do outro? Em nada! Esse é o semblante de verdade que aparenta dar sentido às atitudes preconceituosas que habitam o discurso social.

A subjetividade cultural permeia, através do discurso aí circulante, a construção dos nossos eus. Esta talvez seja a razão de resistirmos tanto a abrir mão de nossos preconceitos; sobre estes semblantes de verdade estruturamos nossa existência e buscamos a caro custo manter certa unidade do nosso eu. Questionar estes preconceitos significa questionar as crenças pessoais que nos sustentam. E toda vez que nossas imagens, aquilo que acreditamos ser, for questionado, apresentam-se nossos demônios. Foi o caso da fúria que mostrou em atos este respeitado pai, quando sua filha questiona sua autoridade, exercendo a própria sexualidade. Realmente não é fácil um sujeito se dispor a se repensar, por isso mesmo estas convicções retornam e retornam, num conflito interminável com o diverso e a ponto de alguém se constituir em um juiz-algoz. Professor Loureiro Chaves (2006) explica que o próprio conceito de justiça pode ser desfigurado, de modo a confundir justamente o que não poderia ser confundido. Assim, o acusador, o carrasco e o juiz se misturam em uma só entidade, exercendo

estas funções indistintamente. Aí surge o semblante de verdade e a justiça perversa.

Que saída podemos esperar para esta circularidade? Como podemos esperar transformar as crenças semblantes de um pai, um juiz ou uma instituição, como um banco? Acredito que através da interlocução. O insuportável mal estar provocado pela forma de poder dominante acabará por conduzir à abertura de diálogos francos e mais livres, de modo a permitir que o pensar descortine novos valores, novas consciências, aportando as diferenças, inclusive econômica e social vigentes na América Latina em geral. O degrau que se impõe entre classes, dificilmente transponível de uma para outra, cria discursos particulares, que se colocam como excludentes dos demais que possam circular, dificultando este diálogo. Conforme coloca Freud, a baleia e o urso polar não podem travar luta, pois não podem encontrar-se, estando cada um confinado a seu próprio ambiente e modos vivendi. Talvez tenhamos que revisar todas as nossas convicções e realidades, antes de poder dialogar. A alteridade irá se impor somente quando não mais conseguirmos mascarar as diferenças radicais. ■

Inquestionável que estamos vivendo experiências maciças preconceituosas que atingem pessoas violentando seus direitos como cidadãos, a serviço de éticas particulares e lógicas totalitárias.

Ideologia de gênero é um espantalho, cunhado para esvaziar a palavra que importa: gênero.

BASTA DE IDEOLOGIA DE **A** GÊNERO

Hoje publicamos o texto de **Maria Luíza Gastal** sobre tema fervilhante: gênero.

circula nas redes sociais um vídeo de Felipe Nery, do Instituto Sophia Perennis (“constituído por pais e professores católicos que buscam (...) resgatar e atualizar os princípios fundamentais da Educação Patrística”). Nery não menciona suas motivações religiosas, anunciando como tema o risco que a “ideologia de gênero” representa para as crianças brasileiras. Travestindo-se de um cientificismo torto, com dados sem fontes, atribuiu ao MEC e ao governo um documento que é fruto de ampla consulta, por força da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – a Base Comum Curricular Nacional, que traz referência à diversidade de gênero.

Aqui falarei a partir de quatro lugares: psicanalista, mãe, bióloga, e professora, embora o assunto venha me tocando mais de perto como mãe de uma criança em idade escolar e como formadora de professores de biologia, ciência que tem resistido aos ataques dos que pretendem propor uma “biologia cristã” (ao modo da “psicologia cristã”). Junto com a psicanálise e a pedagogia, traz elementos importantes para o debate.

Em primeiro lugar, assinalemos que a referência a gênero na BCCN não tem relação com “ideologia de gênero”. Ideologia de gênero é um espantalho, cunhado para esvaziar a palavra que importa: gênero. Podemos suprimir a palavra gênero, reconhecendo que o sexo não é binário. No que se refere à herança biológica, há muitas situações intermediárias, físicas e emocionais, entre “machos típicos” e “fêmeas típicas”; há bem mais do que XX e XY no sexo. A revista *Nature* (2015), dedicou um número ao tema. Biologia, e não ideologia. Somado à herança cromossômica há o desenvolvimento ontogenético. Hormônios mater-

nos, dentre outros aspectos, repercutem na expressão do sexo (ou gênero) e podem resultar também em diferenças importantes entre o sexo da genitália e o sexo cerebral (como a pessoa se percebe), diferenças ligadas ao desenvolvimento embrionário da pessoa (*Functional Neurology, Vol. 24*).

Esta não é uma invenção da biologia: na República Dominicana, por exemplo, há culturas que reconhecem um terceiro sexo, resultado de um pseudohermafroditismo masculino, causado pela deficiência em uma enzima. Essas pessoas nascem com cariótipo XY e genitália externa não virilizada, desenvolvendo caracteres masculinos na puberdade e são chamadas de guevedoche (“pênis aos doze”), possuindo estatuto social e biológico distinto de homens e mulheres (*American Anthropologist, Vol. 92*).

Finalmente, fatores sociais e familiares (aqui estamos no âmbito também da psicanálise) exercem influência sobre o gênero. Mas a biologia antecede tais fatores. Biologia e cultura não são separadas.

Além de equívocos sobre gênero, o vídeo traz dados problemáticos. Menciona um aumento de 1000%, em cinco anos, no número de crianças submetidas a “tratamento transgênero” na Grã-Bretanha, resultado da “ideologia de gênero” nas escolas. Não encontrei os dados mencionados (não há menção às fontes), mas um crescimento de 20 para 200, por exemplo, representaria um aumento de 1000%. Muito poucos, ainda. Poderia significar um “estímulo artificial” ao tratamento, mas também que mais famílias estão compreendendo as particularidades de seus filhos. Havia menos homossexuais e transexuais há alguns anos ou menos homossexuais e transexuais que se assumiam publicamente como tais?

A questão precisa ser compreendida para além dos maniqueísmos que sugerem que sexo se escolhe por influência de aulas (que poder teriam os professores!). Nas escolas, inúmeras crianças e adolescentes não podem expressar sua sexualidade de forma verdadeira, ou sequer conversar com pais, professores e colegas sobre ela. O risco de suicídio desses jovens é elevado, associado a sentimentos de solidão, desamparo e inadequação, frutos do preconceito de suas famílias e amigos (*Pediatrics, Vol. 87*).

A violência é absurda. Em 2016 foram assassinadas 329 homossexuais e transexuais no Brasil (*EBC, Agência Brasil*). Essa é uma questão muito grave - trata-se de defender a vida, o que pressupõe uma educação para a tolerância e respeito.

Efetivamente, sugerir que a pessoa “escolherá” seu sexo é um equívoco. Ela escolhe se assumirá ou não sua sexualidade. E a sociedade, se a aceitará ou não. Numa coisa Felipe Nery está certo: “Promover a diversidade de gênero” é impossível: a natureza impõe a diversidade. O objetivo da BCCN é promover a tolerância e o respeito à diversidade. O assunto é complexo e envolve a saúde e a vida de seres humanos. O medo é péssimo conselheiro e é nele que fundamentalistas religiosos ou iniciativas como o Escola sem Partido se apoiam. É preciso fazer o contraponto da razão e do amor. Basta de ideologia de gênero. Falemos do que importa: a diversidade e a vida. ■

